

RECOMENDAÇÕES PARA
**O ENSINO E A
APRENDIZAGEM**
SOBRE O HOLOCAUSTO



INTERNATIONAL
**HOLOCAUST
REMEMBRANCE**
ALLIANCE

Imagem de capa: Participantes na sessão do Seminário Global de Salzburgo, sobre Educação sobre o Holocausto e a Prevenção do Genocídio, discutem as orientações pedagógicas emanadas pela IHRA em 2015. ©: Seminário Global de Salzburgo

RECOMENDAÇÕES PARA

O ENSINO E A APRENDIZAGEM

SOBRE O HOLOCAUSTO



INTERNATIONAL
**HOLOCAUST
REMEMBRANCE**
ALLIANCE

Primeira edição publicada em 2019 pela International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA)

© 2019 IHRA

Todos os direitos reservados. Os conteúdos desta publicação podem ser livremente utilizados e copiados para fins educativos e outros objetivos não comerciais desde que a reprodução reconheça a IHRA como fonte.

SOBRE A IHRA

A *International Holocaust Remembrance Alliance* (IHRA) reúne governos e peritos para consolidar, desenvolver e promover a educação, pesquisa e memória sobre o Holocausto, no cumprimento dos compromissos da Declaração de Estocolmo de 2000.

A IHRA (anteriormente denominada *Task Force for International Cooperation on Holocaust Education, Remembrance and Research*, ou ITF) surgiu em 1998 por iniciativa do Primeiro-ministro sueco, Göran Persson. Hoje, a rede da IHRA engloba mais de 40 países e diversas organizações parceiras fundamentais com autoridade para lidar com assuntos relacionados com o Holocausto.

A rede de peritos da IHRA inclui representantes das principais instituições especializadas em educação, pesquisa e memória sobre o Holocausto. De 2019 a 2023 o foco dos peritos e representantes políticos incidirá na preservação do registo histórico e no combate à distorção dos factos.

SOBRE ESTA PUBLICAÇÃO

Esta publicação baseia-se nas diretrizes anteriores para educadores e políticas educativas criadas pelos peritos da IHRA e não teria sido possível sem as muitas contribuições de todas as delegações representantes desta organização. Agradecimentos especiais são devidos aos seguintes peritos: Jennifer Ciardelli (EUA), Niels Weitkamp (Países Baixos), Andrea Szőnyi (Hungria), Benjamin Geissert (Noruega), Wolf Kaiser (Alemanha), Paula Cowan (Reino Unido), Lena Casiez (França), and Yessica San Roman (Espanha).



PREFÁCIO



Kathrin Meyer, Secretária Executiva da IHRA

“Aconteceu uma vez. Não deveria ter acontecido, mas aconteceu. Não deve acontecer outra vez, mas pode acontecer. É por isso que a Educação sobre o Holocausto é fundamental.”

Foi com estas palavras poderosas que Göran Persson abriu o Fórum Internacional Sobre o Holocausto de Estocolmo. Durante os três dias do Fórum a educação sobressai nos discursos de Chefes de Estado, educadores, historiadores e sobreviventes. Foi evidente para todos os presentes em Estocolmo, meio século após o fim do Holocausto, que a comunidade internacional partilha a responsabilidade de apoiar a próxima geração, na reflexão sobre a história do Holocausto e as suas consequências. A educação tem sido a pedra de toque do trabalho da IHRA no sentido de que o Holocausto nunca seja esquecido.

Quando olho à minha volta, para os mais de 300 delegados que formam a rede da IHRA, sinto-me inspirada pela paixão e profundidade de conhecimento presentes na contribuição de cada um. Mas algo que aprendi ao longo da minha carreira foi, que a paixão e o conhecimento, sozinhos, não chegam. Excelentes iniciativas sociais não chegam. Também precisamos do compromisso de governos, cuja responsabilidade é assegurar a educação da sociedade. Professores e educadores contam com este apoio político para fortalecer e encorajar o excelente trabalho que está a ser feito.

Várias instituições, incluindo as organizações internacionais nossas parceiras, trabalham incansavelmente nos países membros para ensinar alunos e para treinar e empoderar professores e educadores. Graças a estas instituições existe uma variedade de recursos educacionais de alta qualidade, não só nos países membros mas naqueles que também o pretendam. Graças aos nossos delegados tenho o gosto de apresentar estas *Recomendações para Ensinar e Aprender sobre o Holocausto*, da IHRA, para complementarem e assumirem o seu lugar entre esses recursos. Agrada-me que este volume seja publicado em parceria com a UNESCO e espero que outras organizações apoiem os nossos esforços de difusão. Estas *Recomendações* representam uma grande conquista para todos os nossos peritos e agradeço a cada um a sua competência e o seu contributo ponderado.

Na Declaração de Estocolmo consta que “Promoveremos a Educação sobre o Holocausto nas nossas escolas, universidades e comunidades, e encorajá-la-emos em outras instituições.” Estas *Recomendações para o Ensino e a Aprendizagem sobre o Holocausto* deixam-nos mais próximos de honrarmos este compromisso.

ÍNDICE

4	RESUMO
6	INTRODUÇÃO
10	PORQUÊ ENSINAR SOBRE O HOLOCAUSTO
14	O QUE ENSINAR SOBRE O HOLOCAUSTO
22	COMO ENSINAR SOBRE O HOLOCAUSTO
44	LISTA DE CONCEITOS CHAVE
48	DECLARAÇÃO DE ESTOCOLMO E DEFINIÇÕES DE TRABALHO DA IHRA
53	OUTROS RECURSOS

1

PORQUÊ ENSINAR SOBRE O HOLOCAUSTO?

12 PRINCIPAIS RAZÕES PARA ENSINAR SOBRE O HOLOCAUSTO

2

O QUE ENSINAR SOBRE O HOLOCAUSTO?

17 ÂMBITO E DIMENSÃO DO HOLOCAUSTO
17 PORQUÊ E COMO ACONTECEU
17 CONTEXTOS E DESENVOLVIMENTOS
19 COMPREENDER CONCEITOS

3

COMO ENSINAR SOBRE O HOLOCAUSTO?

24 PRINCÍPIOS ORIENTADORES
27 ATIVIDADES PEDAGÓGICAS E ABORDAGENS GLOBAIS
32 PENSAMENTO CRÍTICO E AUTO-REFLEXÃO
36 FONTES E RECURSOS PARA ENSINAR E APRENDER DE FORMA EFICAZ
41 RELACIONAR A HISTÓRIA COM O PRESENTE: O HOLOCAUSTO,
GENOCÍDIOS E VIOLAÇÕES DOS DIREITOS HUMANOS.

RESUMO

O Holocausto traduz-se na perseguição sistematizada de judeus, por indicação estatal, pela Alemanha nazi e respetivos colaboradores, entre 1933 e 1945. Foi um genocídio a nível europeu, que destruiu não apenas indivíduos e famílias, mas também comunidades e culturas com séculos de desenvolvimento. O Holocausto ocorreu no contexto de perseguições e assassinatos levados a cabo pelos Nazis, que tinham como alvo também outros grupos específicos. As sessões e atividades deverão ajudar sempre os alunos a ampliarem o seu conhecimento acerca deste extermínio sem precedentes e preservar a memória dos indivíduos e grupos assassinados. Educadores e alunos deverão ser encorajados e motivados a refletir sobre as questões morais, políticas e sociais levantadas pelo Holocausto e sobre a sua relevância nos dias de hoje. As Recomendações para o Ensino e a Aprendizagem sobre o Holocausto beneficiam do conhecimento especializado de delegados de mais de 30 países membros e o seu objetivo é servir de base ao trabalho de políticos, profissionais e educadores, ajudando-os a:

1. desenvolver o seu conhecimento sobre o Holocausto, assegurando rigor na compreensão e conhecimento individuais e sensibilizando para as possíveis consequências do antissemitismo;
2. criar ambientes de aprendizagem estimulantes para aprender sobre o Holocausto;
3. promover o pensamento crítico e a reflexão sobre o Holocausto, inclusive, a capacidade de refutar a distorção e a negação dos factos;
4. incentivar o respeito pelos Direitos Humanos e contribuir para educar na prevenção do genocídio.

PORQUÊ ENSINAR SOBRE O HOLOCAUSTO?

Além de transmitir aos alunos conhecimento sobre um acontecimento que desafiou profundamente os valores humanos, ensinar e aprender sobre o Holocausto dá-lhes a oportunidade de compreenderem alguns dos mecanismos e processos que conduziram ao genocídio e as escolhas que foram feitas para acelerar, aceitar ou resistir ao processo de perseguição e assassinato, reconhecendo que foram feitas, muitas vezes, em circunstâncias extremas.

A secção “Porquê Ensinar Sobre O Holocausto?” articula uma série de reflexões. Os agentes educacionais podem usar este enquadramento no estudo deste acontecimento passado, na medida em que este molda o presente. Ensinar e aprender sobre o Holocausto cria uma oportunidade fulcral para inspirar o pensamento crítico, a consciência social e o desenvolvimento pessoal.



O QUE ENSINAR SOBRE O HOLOCAUSTO?

As Recomendações têm como objetivo aprofundar a compreensão sobre o Holocausto através da formulação de questões fundamentais acerca do seu contexto histórico, a sua abrangência, dimensão, motivos e a forma como aconteceu. A secção apresenta uma série de questões essenciais que os educadores podem utilizar para contextualizar a sua análise do Holocausto. Sugerem-se quatro perguntas fulcrais:

- Quais as circunstâncias históricas e as fases mais importantes?
- Por que razão, e como, as pessoas foram cúmplices destes crimes?
- Como é que os Judeus reagiram às perseguições e assassinatos em massa?
- Como é que algumas pessoas resistiram a estes crimes e porquê?

Mediante a apresentação de diferentes perspetivas, apresentam-se questões mais detalhadas para ajudar os alunos a explorarem a forma como o Holocausto aconteceu, e quando aconteceu. As questões potenciam a análise das circunstâncias e dos comportamentos antes, durante e após a Segunda Guerra Mundial. Encorajam o estudo das ligações entre o Holocausto e outras atrocidades em massa cometidas pelos Nazis e seus colaboradores, tais como o genocídio dos Roma e dos Sinti. Incentivam os educadores a explorar quem foi responsável e conivente; e o que motivou o comportamento de autores, colaboradores, espetadores e salvadores. Enfatizam a grande variedade de respostas por parte das vítimas. Também sugerem que se analise a relevância da história do Holocausto para compreender questões contemporâneas como as políticas de refugiados, as consequências das violações dos direitos humanos, não apenas para os envolvidos, mas também para as sociedades como um todo, no esforço para a prevenção do genocídio.

COMO ENSINAR SOBRE O HOLOCAUSTO?

Acima de tudo os educadores devem estar seguros de que o Holocausto pode ser ensinado de forma eficiente e com sucesso, através de uma preparação cuidadosa e da utilização de materiais apropriados. A secção “Como ensinar sobre o Holocausto?” analisa possibilidades e desafios para o ensino e a aprendizagem através de abordagens práticas e metodologias a aplicar, tanto em contextos educativos formais como informais. Sublinha-se a importância do rigor e da precisão no que concerne a factos históricos, comparações históricas e linguagem. A secção destaca a utilização de abordagens centradas no aluno, que sustentem o pensamento crítico e a reflexão. Atenta-se à importância de seleccionar cuidadosamente fontes primárias e secundárias adequadas para os alunos, que clarifiquem a individualidade e a ação dos agentes históricos. A secção também analisa a importância de incluir contextos históricos com particularidades e de evitar comparações históricas durante o estudo do Holocausto no contexto de outras áreas, tais como a prevenção do genocídio e a violação dos direitos humanos.

INTRODUÇÃO

“Partilhamos o compromisso de encorajar o estudo do Holocausto em todas as suas dimensões. Promoveremos a educação sobre o Holocausto nas nossas escolas e universidades, nas comunidades, e encorajá-lo-emos noutras instituições.”

– Artigo 5 da declaração de Estocolmo, 2000

FUNDAMENTOS E JUSTIFICAÇÃO

O Holocausto foi um ponto de viragem na história mundial, ultrapassando fronteiras geográficas e afetando todos os segmentos das sociedades envolvidas. Décadas mais tarde, as sociedades continuam a debater-se com a memória e com o registo histórico do Holocausto, que se cruza com a nossa realidade contemporânea. O ensino e a aprendizagem sobre o Holocausto são oportunidades fulcrais de inspiração do espírito crítico, da consciência social e do desenvolvimento pessoal. Contudo, este tema tão extenso também pode ser um desafio para os educadores, devido à sua natureza traumática, à sua extensão e à interseção com dinâmicas humanas desafiantes, incluindo o racismo e o antissemitismo.

A *International Holocaust Remembrance Alliance* (IHRA) conta com governos e peritos de mais de 30 países membros, com o objetivo de [consolidar, desenvolver e promover a educação sobre o Holocausto, a preservação da memória e a pesquisa, a nível mundial](#). A IHRA encontra-se numa posição única para oferecer recomendações extensas sobre o ensino e a aprendizagem sobre o Holocausto com base nos conhecimentos dos seus delegados internacionais. O âmbito do ensino e da aprendizagem sobre o Holocausto alargaram-se em termos de profissionalização, institucionalização e globalização. Os membros da IHRA apresentam novas investigações históricas e um compromisso alargado com a educação sobre o Holocausto, investigando e preservando a sua memória.

Ainda assim, a crítica da IHRA à pesquisa empírica para o [ensino e a aprendizagem sobre o Holocausto](#) causou algumas preocupações. Foram identificadas falhas significativas de conhecimento e compreensão sobre o Holocausto, bem como mitos generalizados, equívocos e uma tendência para contornar questões difíceis sobre histórias nacionais, que desafiam o ensino e a aprendizagem sobre o Holocausto. Além disso, as nações têm histórias diferentes e narrativas legítimas sobre o Holocausto, bem como diferentes contextos educativos, pedagogias e tradições, que têm de ser tidas em linha de conta.

As seguintes Recomendações atualizadas, baseadas na partilha de experiências e pontos de vista dos peritos, bem como no *feedback* de educadores dos países membros da IHRA, dão a políticos, profissionais e educadores um enquadramento para o ensino e a aprendizagem sobre o Holocausto. Não se pretende que estas Recomendações sejam objetivos imediatos a serem implementados e atingidos na totalidade, mas sim um enquadramento e abordagens para profissionais, educadores e políticos trabalharem em conjunto.

OBJETIVOS DAS RECOMENDAÇÕES

Estas Recomendações, uma atualização das diretrizes originais da IHRA para o ensino sobre o Holocausto, contribuem para um entendimento contínuo entre académicos, políticos, profissionais e sociedade em geral, sobre a relevância e importância, na atualidade, do ensino e da aprendizagem sobre o Holocausto. Estas Recomendações consubstanciam-se numa base para políticos, profissionais e educadores, que os ajudará a:

1. desenvolver o seu conhecimento sobre o Holocausto, assegurando o rigor na compreensão e conhecimento individuais, sensibilizando para as possíveis consequências do [antissemitismo](#);
2. criar ambientes de aprendizagem estimulantes para aprender sobre o Holocausto;
3. promover o pensamento crítico e a reflexão sobre o Holocausto, incluindo a capacidade de refutar a [negação e distorção do Holocausto](#);
4. Fazer vigorar os Direitos Humanos e contribuir para a educação para a prevenção do genocídio.

DEFINIR O HOLOCAUSTO

Tal como identificado na Secção 3.1, a educação significativa sobre o Holocausto requer o uso consistente e rigoroso da terminologia. Os termos “Holocausto” e “Shoá” referem-se a um acontecimento genocida específico no século XX: a perseguição e assassinato sistemático de Judeus pela Alemanha nazi e os seus colaboradores, entre 1933 e 1945. O pico de perseguição e de assassinatos ocorreu durante o contexto da Segunda Guerra Mundial. Este genocídio ocorreu no contexto das perseguições levadas a cabo pelos Nazis, que tinha como alvos grupos complementares, incluindo o genocídio dos Roma e dos Sinti*.

O ensino e a aprendizagem sobre o Holocausto focam-se na discriminação, perseguição, assassinato e genocídio dos Judeus pelo regime Nacional-socialista e seus colaboradores, considerando-se a compreensão dos crimes Nazis contra vítimas não judaicas essencial para compreensão do Holocausto. Uma vez que as agressões e perseguições nazis se estenderam para além da Europa, até ao Norte de África, o ensino sobre o Holocausto também pode incluir a compreensão do tratamento aplicado aos Judeus do Norte de África.



De uma forma geral, as Recomendações que se seguem também se aplicam ao ensino e à aprendizagem sobre o genocídio dos Roma e dos Sinti, até porque este estudo requer conhecimento específico sobre a história da minoria e os princípios básicos do anti ciganismo, bem como sobre a política nazi de perseguição e aniquilamento (uma política enraizada na ideologia racial). É importante compreender que na história da Europa está profundamente enraizada uma atitude de preconceito e rancor relativamente aos Sinti e aos Roma e que o genocídio dos Sinti e dos Roma foi negligenciado e negado após a guerra, apenas tendo sido reconhecido oficialmente em 1982. O Comité da IHRA para o Genocídio dos Roma tem como objetivo sensibilizar para o genocídio dos Roma sob a égide do Nacional-socialismo, bem como ampliar o compromisso da IHRA em informar, educar, pesquisar e lembrar o genocídio dos Roma (ver Recursos Complementares).

ENSINO

De uma forma geral o ensino e a aprendizagem sobre o Holocausto devem:

- **Facultar o conhecimento** sobre esta destruição sem precedentes;
- **Preservar a memória** dos indivíduos e grupos específicos que foram perseguidos e assassinados;
- **Incentivar a reflexão** por parte de educadores e alunos sobre as questões morais, políticas e espirituais originadas pelos acontecimentos do Holocausto, e a sua relevância atual.

PLANIFICAÇÃO

As Recomendações dividem-se nas seguintes secções.

1. **Justificação e fundamentos:** [Porquê ensinar sobre o Holocausto?](#)
2. **Conteúdo:** [O que ensinar sobre o Holocausto?](#)
3. **Pedagogia:** [Como ensinar sobre o Holocausto?](#)
4. **Recursos complementares:** [Mais informações de outras organizações que fornecem](#) matérias para o ensino e a aprendizagem sobre o Holocausto e uma [lista de conceitos chave.](#)

QUEM PODE USUFRUIR DESTAS RECOMENDAÇÕES?

As Recomendações pretendem servir de base a políticas educativas, lideranças escolares e outros agentes educativos, tanto em contextos de educação formal como informal. Apesar de os profissionais desempenharem diferentes papéis nos seus ambientes educativos, todos podem beneficiar do pensamento crítico em termos de “porquê, o quê, e como”, para ensinar sobre o Holocausto.

Recomenda-se aos educadores que leiam as secções 1 e 2 antes de planificarem o conteúdo da(s) sua(s) aula(s), e que leiam a secção 3 para escolher a(s) sua(s) abordagem(ns) pedagógica(s). Os educadores poderão ainda achar útil a utilização da secção 3 como ferramenta para sustentar a reflexão sobre a sua prática pedagógica e sua avaliação após terem lecionado a(s) sua(s) aula(s). Desta forma, as Recomendações que se seguem serão úteis tanto para educadores experientes, como para aqueles que agora iniciam o ensino e a aprendizagem sobre o Holocausto. O diagrama abaixo representa um processo modelo.

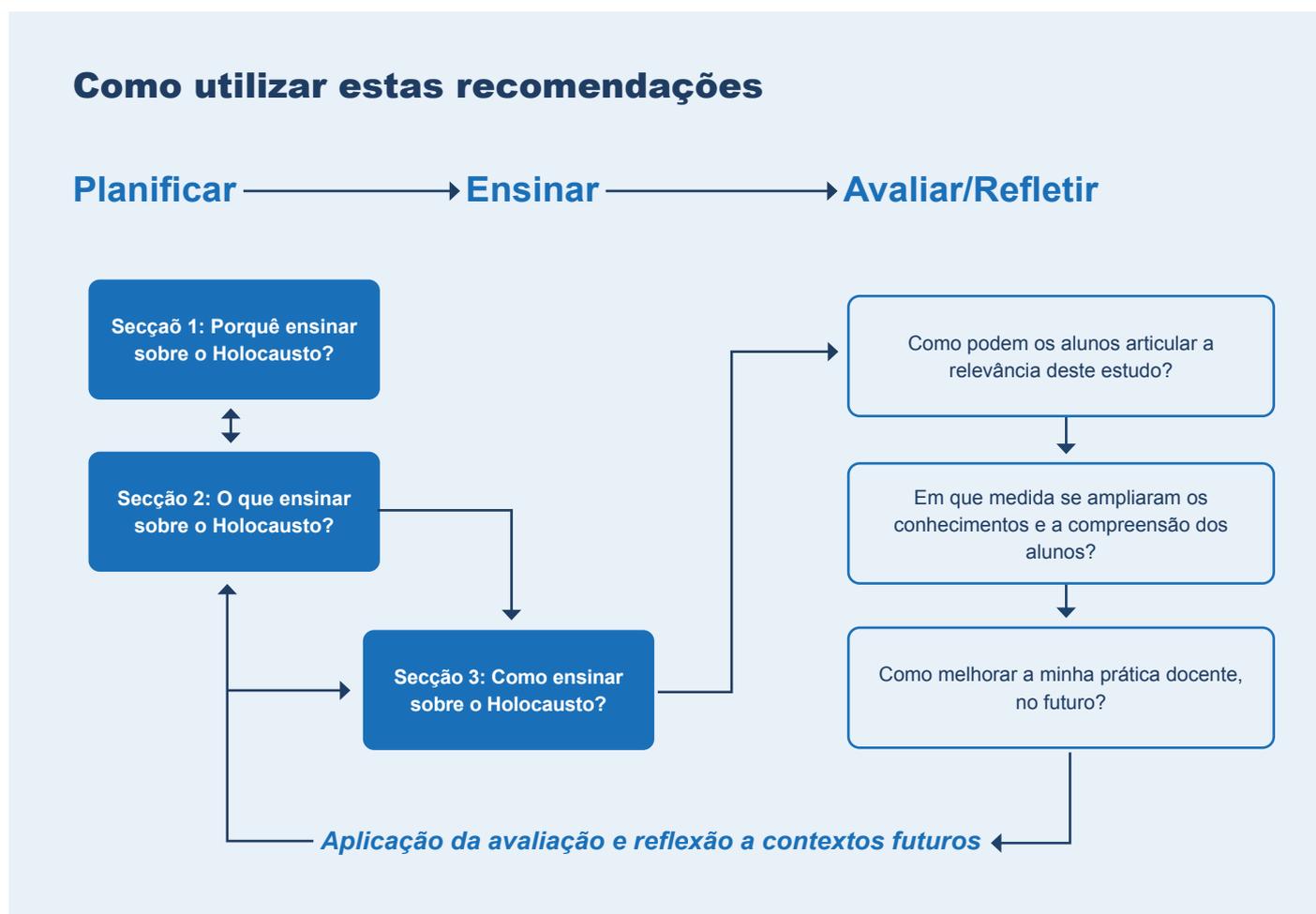


Figura 1. Como usar estas Recomendações

1

PORQUÊ ENSINAR SOBRE

O HOLOCAUSTO?

É essencial decidir qual a melhor forma de tornar qualquer análise do Holocausto significativa e relevante para os alunos, nos seus contextos nacionais. Nesta secção pretende-se ajudar políticos, lideranças escolares, educadores e outros agentes educativos a estruturar fundamentos para o ensino e a aprendizagem sobre o Holocausto, através da partilha de uma variedade de objetivos que podem surgir da análise do Holocausto. Este aspeto tem especial relevância para os países membros da IHRA que se comprometeram com o ensino e a aprendizagem do Holocausto nos seus países.

O ensino e a aprendizagem sobre o Holocausto são uma oportunidade essencial para inspirar o pensamento crítico, a consciência social e o crescimento pessoal. O Holocausto, um acontecimento determinante na história mundial, ocorreu no contexto da Segunda Guerra Mundial e ultrapassou limites geográficos, afetando todos os segmentos das sociedades. Décadas mais tarde, as sociedades continuam a debater-se, por entre os desafios da atualidade, tanto com a memória, como com o registo histórico do Holocausto. Estes desafios incluem a persistência do antissemitismo e da xenofobia, de genocídios no mundo, da contínua crise dos refugiados e das ameaças a muitas das normas e valores democráticos. Isto é particularmente relevante perante o aumento de governos de estilo autoritário, bem como de movimentos populistas ou extremistas dentro de democracias (liberais).

Os educadores em contextos formais (como escolas) e informais (como museus e outras entidades da mesma natureza) podem envolver os alunos através de abordagens responsáveis, históricas e factuais em parceria com outras disciplinas. Embora único, no tempo e no espaço, o Holocausto foi, ainda assim, um acontecimento humano que coloca interrogações desafiantes: sobre a responsabilidade individual e coletiva, sobre o que é a cidadania ativa e sobre as estruturas e normas sociais que podem tornar-se perigosas para certos grupos e sociedades.





ARGUMENTOS FUNDAMENTAIS PARA ENSINAR SOBRE O HOLOCAUSTO

- O Holocausto, **uma tentativa sem precedentes de assassinar todos os Judeus europeus**, extinguindo assim a sua cultura, desafiou profundamente os fundamentos dos valores humanos.
- O estudo sobre o Holocausto **sublinha que o genocídio é um processo que pode ser desafiado ou, talvez, travado, e não um acontecimento espontâneo ou inevitável**. O Holocausto demonstrou como uma nação pode utilizar as suas estruturas burocráticas, mecanismos e competência técnica no processo de, ao longo do tempo, envolver vários segmentos da sociedade na implementação de políticas que vão desde a exclusão ao genocídio.
- A análise da história do Holocausto **pode ilustrar o papel de fatores históricos, sociais, religiosos, políticos e económicos na erosão e desintegração de valores democráticos e direitos humanos**. Este estudo pode incentivar os alunos a desenvolverem uma compreensão dos mecanismos e processos que conduzem ao genocídio, estimulando, por sua vez, a reflexão sobre a importância do Estado de Direito e das instituições democráticas. Pode capacitar os alunos para identificarem circunstâncias que podem ameaçar ou desgastar estas estruturas, refletindo-se no seu próprio papel e na sua responsabilidade na salvaguarda destes princípios, de modo a prevenir violações dos Direitos Humanos passíveis de se transformarem em atrocidades em massa.
- O ensino e a aprendizagem sobre o Holocausto **são uma oportunidade para apurar e analisar as ações (ou inações) de um grupo de pessoas durante uma crise emergente**. Deveriam ser uma chamada de atenção para as consequências das decisões, independentemente da complexidade das situações em que são tomadas. O Holocausto envolveu um leque de indivíduos, instituições, organizações e agências governamentais a nível local, regional, nacional e global. Entender as ações, ou falta delas, durante o Holocausto, a vários níveis, levanta questões complicadas sobre as respostas individuais e coletivas aos acontecimentos do Holocausto. Quer nos foquemos nos objetivos políticos das nações ou nas preocupações individuais, é óbvio que as dinâmicas familiares e vulgares conduziram a resultados extraordinários.

- O ensino e a aprendizagem sobre o Holocausto **podem preparar os alunos para interpretarem e avaliarem manifestações e representações culturais deste acontecimento de forma mais crítica, minimizando, assim, o risco de serem manipulados.** Em muitos países o Holocausto tornou-se um assunto ou uma temática que comumente se reflete quer na cultura popular, quer no discurso político, frequentemente com representação mediática. Ensinar e aprender sobre o Holocausto pode ajudar os alunos a identificarem a distorção e a falta de rigor, quando o Holocausto é utilizado como mecanismo retórico ao serviço de objetivos sociais, políticos e morais.
- **O estudo do antissemitismo no contexto da ideologia nazi clarifica as manifestações e ramificações da discriminação, do estereótipo, da xenofobia e do racismo.** O antissemitismo persiste no rescaldo do Holocausto e há evidências de que se encontra em crescimento. O ensino e a aprendizagem sobre o Holocausto criam um fórum para a análise da história e da evolução do antissemitismo – um fator essencial que tornou possível o Holocausto. A análise das diferentes ferramentas utilizadas para promover o antissemitismo e o ódio, incluindo o discurso perigoso, a propaganda, a manipulação dos meios de comunicação social e a violência contra grupos específicos, podem ajudar os alunos a compreenderem os mecanismos utilizados para dividir comunidades.
- O estudo e a aprendizagem sobre o Holocausto **podem ainda ajudar os alunos a homenagearem as vítimas do Holocausto, o que em muitos países se tornou parte da prática cultural.** Os alunos são muitas vezes convidados a participarem em dias dedicados à Memória e em celebrações locais e internacionais. A comemoração não pode substituir a aprendizagem, mas o estudo do Holocausto é essencial para ajudar os alunos a construir o conhecimento e a compreensão necessários para celebrações significativas, no presente, e para darem continuidade a esta prática cultural, no futuro. Da mesma forma, as comemorações podem ajudar os participantes a envolverem-se com o empenho emocional inerente ao estudo da história sensível ou traumática, criando espaço para a reflexão filosófica, religiosa ou política, que pode ser difícil de incluir no currículo académico.

2

O QUE ENSINAR SOBRE

O HOLOCAUSTO?

O ensino e a aprendizagem sobre o Holocausto irão variar consoante os contextos nacionais e locais. Esses contextos influenciarão as tomadas de decisão sobre as questões a explorar de forma mais aprofundada ou mais concisa.

Contudo, o tempo dedicado ao estudo do Holocausto deve ser suficiente para capacitar os alunos para não responderem às questões seguintes de forma superficial, mas sim significativa.

- Quais foram as condições históricas e os momentos fulcrais no processo deste genocídio?
- De que modo e por que motivo é que as pessoas participaram ou foram cúmplices nestes crimes?
- Como responderam os Judeus à perseguição e assassinato em massa?
- Como e por que motivo é que algumas pessoas se opuseram a estes crimes?

Não se pretende que os assuntos e questões apresentados nesta secção sejam trabalhados exaustivamente, mas sim que sejam considerados um conjunto de objetivos e conteúdos fundamentais. É importante ter em mente que as preocupações sobre o Holocausto se podem alterar ao longo do tempo; aspetos que parecem não ser relevantes, atualmente, podem tornar-se muito no futuro. Com estas ressalvas indispensáveis, encorajam-se os educadores a habilitarem os alunos a explorarem os assuntos e questões que se seguem.



O que ensinar: conteúdo histórico nuclear

O Holocausto foi a perseguição sistematizada e o assassinato de judeus, por indicação estatal, pela Alemanha nazi e respetivos colaboradores, entre 1933 e 1945. Foi um genocídio a nível europeu, que destruiu não apenas indivíduos e famílias, mas também comunidades e culturas com séculos de história.

Quais foram as etapas mais importantes, os momentos de viragem e as decisões, no processo de genocídio? De que forma e por que motivo é que as pessoas cometeram/participaram/foram cúmplices nestes crimes? Como responderam os Judeus à perseguição e ao assassinato em massa?

<i>Antecedentes</i>	<i>Ascensão Nazi</i>	<i>A Segunda Guerra Mundial</i>	<i>Pós-guerra: o rescaldo imediato</i>
<ul style="list-style-type: none">– Anti judaísmo europeu– Desenvolvimento do antissemitismo e do racismo– Impacto da Primeira Guerra Mundial	<ul style="list-style-type: none">– Os Judeus na ideologia e propaganda nazis– Resposta da sociedade alemã aos Nazis, antes e após a sua subida ao poder– Resposta mundial ao regime e à política nazi	<ul style="list-style-type: none">– Impacto da guerra na perseguição aos Judeus– Resistência e salvamento– As operações assassinas das Einsatzgruppen*– O momento da tomada de decisão sobre o extermínio dos Judeus europeus– O papel dos campos na “Solução Final”– O impacto do fim da Segunda Guerra Mundial <p>*Einsatzgruppen – esquadrões da morte (N. da T.)</p>	<ul style="list-style-type: none">– Situação dos sobreviventes após a libertação– Justiça transitória

Figura 2. O que ensinar: conteúdo histórico nuclear

2.1 ÂMBITO E DIMENSÃO DO HOLOCAUSTO

Os alunos deverão saber e entender que o Holocausto foi um genocídio a nível europeu, que destruiu não apenas indivíduos e famílias, mas também comunidades e culturas seculares.

2.2 DE QUE FORMA ACONTECEU, E PORQUÊ

Os alunos devem ter a oportunidade para explorarem o porquê e o como deste acontecimento, incluindo:

- Quais foram as etapas mais importantes, os momentos de viragem e as decisões, no processo de genocídio?
- De que forma e por que motivo é que as pessoas cometeram/participaram/foram cúmplices nestes crimes?
- Como responderam os Judeus à perseguição e ao assassinato em massa?

2.3 CONTEXTOS E DESENVOLVIMENTOS

De modo a compreender como o Holocausto foi possível, é necessário observá-lo de diferentes perspetivas e no contexto de processos variados, tendo como ponto de partida as questões que se seguem. Neste processo, é necessário incorporar ligações e avaliar contextos nacionais e locais.

2.3.1 Antecedentes do Holocausto

- O que foi o anti judaísmo europeu, e de que forma se relacionava com os ensinamentos cristãos?
- Como se desenvolveram o antissemitismo e o pensamento racial, e de que forma se interligavam com as ideologias nacionalistas?
- Qual o impacto da Primeira Guerra Mundial e dos desenvolvimentos políticos, no período entre guerras, nas relações entre Judeus e Não – Judeus?

2.3.2 A ascensão nazi: visão do mundo, ideologia racial e ação política

- Como é que os Nazis apresentavam os Judeus, na sua propaganda e na sua política, e porquê?
- De que forma é que a instauração de uma ditadura Nacional-socialista abriu caminho para o Holocausto, em particular para a abolição de direitos fundamentais e para a perversão do estado de direito, e como é que a sociedade alemã respondeu a este processo?
- Como é que os Nazis encaravam os direitos e a propriedade dos Judeus no período entre guerras?
- Como é que o mundo reagiu à atuação Nazi e às suas políticas?

2.3.3 O trajeto e desenvolvimento do Holocausto no contexto da Segunda Guerra Mundial

- Em que medida é que os Nazis radicalizaram a perseguição aos Judeus após a Alemanha Nazi ter iniciado a Segunda Guerra Mundial, e até que ponto é que a sua ação foi influenciada pelos acontecimentos da guerra?
- Por que motivo, e de que forma, é que os Nazis organizaram a expropriação dos Judeus, e em que medida é que esse facto influenciou as suas hipóteses de sobrevivência?
- Que diferentes tipos de guetos existiam e como eram usados para segregar, concentrar e perseguir as comunidades?
- Como foi possível aos Esquadrões da Morte (Einsatzgruppen) assassinar centenas de milhares de Judeus no espaço de meio ano após a invasão alemã da União Soviética?
- Em que momento é que os Nazis decidiram tentar assassinar todos os Judeus europeus?
- [Como é que o assassinato em massa de pessoas com deficiência abriu caminho para o assassinato sistemático de Judeus?](#)
- Como é que os Nazis utilizaram os campos da morte e outros campos para levarem a cabo a pretendida “Solução Final para a questão Judaica Europeia”?
- Qual o papel dos colaboradores e da resistência na perseguição, nos países aliados da Alemanha e nos países ocupados?
- Como é que a derrota da Alemanha Nazi e dos seus aliados contribuiu para o fim do Holocausto?

2.3.4 Pós-guerra: rescaldo imediato

- Quais os desafios que os sobreviventes do Holocausto tiveram de enfrentar após a sua libertação? Qual a diferença, após a libertação, entre a situação dos Judeus sobreviventes e a das vítimas não-judaicas da perseguição e da guerra?
- Que aspetos da justiça de transição foram salvaguardados após o fim do regime Nazi e da guerra na Europa? Em que medida cumpriram os seus objetivos? O que é que não se conseguiu?

2.4 COMPREENSÃO DE CONCEITOS

Os alunos deverão ser capazes de perceber as diferenças entre as diferentes atrocidades em massa cometidas pelos nazis, cada uma com as suas causas e resultados.

As questões passíveis de reflexão poderão incluir:

- Que grupos foram vítimas da perseguição e do assassinato em massa Nazis, quais as motivações para essa perseguição e assassinato e quais os seus resultados?
- Qual a relação entre o assassinato dos Judeus e outras atrocidades cometidas pelos Nazis e seus colaboradores, incluindo o genocídio dos Roma e dos Sinti?

2.4.1 Responsabilidade

Se os alunos começarem a perceber como é que o Holocausto foi possível e refletirem sobre as questões que isso coloca às sociedades contemporâneas, necessitarão também de reconhecer que não é suficiente limitar a responsabilidade destes crimes a Hitler e aos Nazis.

As questões passíveis de reflexão poderão incluir:

- Quem foram os responsáveis e os cúmplices e quais foram as suas motivações? Quais as diferenças entre responsabilidade e cumplicidade?
- Os homens estiveram fortemente envolvidos nos assassinatos; qual o papel secundário das mulheres e qual a responsabilidade destas nestes crimes?
- Qual o papel das populações não-judaicas locais (incluindo ações como o salvamento e a colaboração)?
- Que postura adotou a maioria da população dos países ocupados, relativamente à perseguição e ao assassinato dos judeus?

- Quem foram os indivíduos e os grupos que arriscaram ajudar e salvar Judeus? Quais as suas motivações? O que impediu outros de agirem de forma semelhante?
- O que se sabia acerca da perseguição e assassinato dos Judeus, e quando se soube?
- Como é que o mundo reagiu à perseguição e assassinato dos Judeus?
- O que se sabia sobre o genocídio dos Roma, e por que é que esta informação não foi objeto de atenção nos países fora do domínio Nazi?
- O que fizeram os Aliados, os países neutros, a Igreja e outros para salvarem as vítimas dos crimes Nazis? Que mais poderiam ter feito?

2.4.2 Ação das vítimas

É essencial que não se veja o Holocausto apenas da perspetiva dos seus agentes e respetivas fontes, ações ou narrativas. Os judeus e as restantes vítimas alvo devem aparecer no palco histórico como indivíduos e comunidades com os seus próprios contextos e histórias, e não apenas como objetos passivos de um assassinato em massa. Assim, os educadores devem certificar-se de que os alunos reconhecem que as vítimas foram agentes ativos no processo, que responderam aos crimes que aconteciam da melhor forma possível, à luz do seu conhecimento prévio do mundo e do seu lugar neste, e em função da informação disponível à data.

Vida antes da guerra

- Como viviam os judeus nos seus países de origem e de que forma é que as suas vidas foram afetadas pela perseguição iniciada pelos Nazis e pelos seus aliados e colaboradores?

Reações e resistência

- Como é que os Nazis isolaram os Judeus do resto da sociedade? Como reagiram os Judeus ao isolamento?
- Quais as características da liderança, da educação, da comunidade, da prática religiosa e da cultura judaicas durante o Holocausto?
- Até que ponto e de que forma podiam os Judeus oferecer resistência? Em que medida o fizeram? Quais os constrangimentos às suas ações e decisões e quais os fatores que os empoderavam?
- De que diferentes formas foram homens, mulheres e crianças afetados pela perseguição nazi, e como é que estes responderam?

2.4.3 Relevância do Holocausto para assuntos atuais

Deve ser dada aos alunos a oportunidade para debaterem a relevância da experiência histórica do Holocausto na atualidade. As questões a abordar poderão incluir:

- Como pode o estudo da perseguição às vítimas da ideologia nazi ajudar à compreensão do impacto das violações dos Direitos Humanos nas sociedades contemporâneas? O que nos pode dizer, especificamente, acerca das ligações entre estereótipos, preconceitos, bodes expiatórios, discriminação, perseguição e genocídio?
- Como pode o conhecimento sobre os refugiados judeus antes, durante e após o Holocausto relevar para a compreensão das atuais crises de refugiados?
- O que é que a aprendizagem sobre o Holocausto nos pode dizer sobre o processo de genocídio, os sinais de alerta e as hipóteses de intervenção, que poderá consolidar as diligências atuais para a prevenção do genocídio?
- Existem contextos em que a imagem e discurso sobre o Holocausto sejam inúteis ou ativamente problemáticos? Há representações do Holocausto que sejam particularmente problemáticas?



3

COMO ENSINAR SOBRE

O HOLOCAUSTO?

Não existe uma forma “correta” e única de ensinar disciplina alguma, nem nenhuma metodologia ideal, adequada a todos os educadores e a todos os alunos. As recomendações que aqui se apresentam baseiam-se em experiências práticas, e o seu objetivo é o de serem úteis a professores e outros educadores, na construção das suas próprias planificações, tendo em consideração as necessidades individuais de aprendizagem.





3.1 PRINCÍPIOS ORIENTADORES

3.1.1 O Holocausto pode ser ensinado com sucesso; não receie abordar este assunto

Alguns educadores hesitam em relação a explorarem a história do Holocausto, devido às dificuldades percebidas e ao facto de este ser um assunto melindroso. Outros educadores questionam-se sobre como abordar a dimensão da tragédia, a enormidade dos números envolvidos e o abismo em que a Humanidade pode cair. Alguns perguntam-se como envolver os seus alunos sem os traumatizar ou preocupam-se com possíveis reações ao tema. Especificamente, os educadores querem estar preparados para um espectro de reações e respostas que podem ser despoletadas pela intensidade do conteúdo.

Podem iniciar-se alunos de diferentes idades na história do Holocausto, desde que o método e o conteúdo sejam adequados à idade. Focar-se nas histórias individuais das vítimas, na sua fuga e no seu salvamento pode ser apropriado para audiências mais jovens. Pode pedir-se a alunos mais velhos para trabalharem materiais mais complexos e desafiantes, utilizando melhor fontes primárias adequadas. A seleção de fontes e manuais escolares deve fazer-se tendo como referência estas recomendações, acautelando a sensibilidade relativamente às necessidades emocionais e às circunstâncias particulares dos alunos.

Em geral, não receie abordar este assunto. Embora possa parecer assustador, a experiência tem demonstrado que é possível ensinar sobre o Holocausto com sucesso e com resultados positivos. Investigue e use a vasta quantidade de material que existe acerca de métodos, das melhores práticas, e das estratégias específicas de ensino que podem ser utilizadas para ajudarem na planificação, organização e apresentação das aulas.

3.1.2 Ser rigoroso na utilização da linguagem e definir o termo Holocausto

- A utilização de linguagem rigorosa na descrição de conceitos e atividades pode ajudar os alunos a evitarem generalizações que dificultam a compreensão e a capacidade de fazer distinções. Por exemplo, o conceito “campo” é utilizado para descrever uma ampla área de sítios e localizações. Embora as pessoas tenham morrido e tenham sido assassinadas em muitos campos criados pelos Nazis e seus colaboradores, nem todos os campos foram intencionalmente construídos como centros de assassinato ou como campos da morte. Os diferentes campos funcionavam de formas diversas em momentos diferentes, e incluíam campos de concentração, campos de trabalho e campos de transição, para referir apenas alguns. Definições rigorosas ajudam a evitar mal-entendidos.

- Utilizar uma definição clara do termo “Holocausto” (ou “Shoá”) pode minimizar confusões desde o início. A IHRA utiliza o termo Holocausto para descrever a perseguição e assassinato sistemático de Judeus pela Alemanha Nazi e seus colaboradores, entre 1933 e 1945. O pico da perseguição e dos assassinatos ocorreu no contexto da Segunda Guerra Mundial. Algumas organizações, inclusive instituições especializadas – utilizam o termo “Holocausto” de um modo muito abrangente, para englobar todas as vítimas de perseguição Nazi. Contudo, a maioria dos historiadores deste período utiliza uma definição mais precisa, que reconhece que os Judeus foram alvo de perseguição sistemática e assassinato, de uma forma que diferenciou o seu destino do dos restantes, com a exceção possível dos Roma e dos Sinti (grupos de vítimas em que as crianças e os idosos também foram selecionados para aniquilação). Tenha em atenção os diferentes entendimentos e as diferentes utilizações do termo pelas várias fontes, e respetivos materiais. Assegure-se de que a utilização da palavra é consistente e precisa.
- Partilhe a ideia de que, para muitos, o termo “Holocausto” é problemático. Composto a partir de duas palavras gregas, “Holocausto” sugere a oferta de um sacrifício pelo fogo. O termo pode, erradamente, dar a entender que o assassinato em massa dos Judeus foi uma espécie de martírio e não o resultado de genocídio. Por este motivo, muitos preferem utilizar a palavra hebraica “Shoá”, que significa “tragédia”.
- Dê aos alunos a oportunidade de discutirem criticamente a terminologia. Explícite, por exemplo, que termos como “Solução Final” ou “Problema Judeu” eram eufemismos criados e utilizados pelos executantes, no momento histórico, para articularem a sua visão do mundo, por oposição à terminologia neutra existente para descrever acontecimentos passados de forma imparcial. Da mesma forma, palavras como “gueto” devem ser desconstruídas, para revelar os diferentes significados utilizados pelos Nazis, por oposição ao uso dos mesmos termos nas eras pré e pós Nazi.
- Os educadores devem ser encorajados a terem presentes as diferentes formas como a sociedade e a cultura se referem ao Holocausto, uma vez que estas noções sociais podem influenciar a compreensão dos alunos. A cultura e o discurso populares podem perpetuar mitos e interpretações erradas da história. Modelar a consistência, o rigor e a precisão da linguagem pode ajudar a evitar ideias pré-concebidas.

3.1.3 Abordar este tópico de forma abrangente e contextualizar a história.

O Holocausto englobou uma série de acontecimentos interligados, no contexto de guerra, que, com o passar do tempo, ultrapassaram fronteiras nacionais. Assim, esses acontecimentos continuam a fazer parte de muitas histórias europeias e universais, e de muitos processos históricos diferentes. Os alunos deverão reconhecer que o Holocausto foi posto em prática de maneiras diferentes, de país para país. Adicionalmente, muitos fatores da história europeia e universal tornaram o genocídio possível a curto, médio e longo prazo. Crie oportunidades para desmontar estes fatores, englobando contextos mais abrangentes, dentro dos quais se deram os acontecimentos do Holocausto.

Estas dimensões têm sido alvo de pesquisa exaustiva por parte dos estudiosos. Tente utilizar estudos acadêmicos recentes e fidedignos, que englobem diferentes aspetos do genocídio e da sua evolução, na elaboração de planificações para grupos – turma e para sessões individuais.

3.2 ATIVIDADES PEDAGÓGICAS E ABORDAGENS DETALHADAS

3.2.1 Criar um ambiente de aprendizagem positivo, com uma pedagogia ativa e uma abordagem centrada no aluno

Tente criar um espaço de aprendizagem aberto e seguro, onde sejam dados aos alunos tempo e espaço para refletir, em que estes sejam encorajados a fazerem perguntas, a discutirem os seus pensamentos e medos, e a partilharem ideias, opiniões e preocupações.

O Holocausto desafia muitas ideias pré-concebidas que os jovens poderão ter relativamente à natureza da sociedade, do progresso, da civilização e do comportamento humano. Os alunos poderão não ter atitudes defensivas, sentimentos negativos ou falta de vontade relativamente a mergulharem mais fundo na história do período nazi ou do Holocausto. Além disso, as suas reações podem incluir pontos de vista e atitudes alternativos. Um ambiente de aprendizagem positivo e de confiança é importante, de modo a que estes assuntos possam ser abertamente abordados e discutidos.

Os alunos constroem a compreensão do mundo maioritariamente através das suas próprias descobertas e da comunicação com os outros, e não apenas pela transmissão do conhecimento pelo educador. Adote uma abordagem centrada no aluno, na qual o educador age como facilitador da descoberta, ao invés de simplesmente debitar conhecimento, encorajando os alunos a terem um papel ativo na sua própria aprendizagem.

3.2.2 Ser sensível às experiências, emoções e preocupações dos alunos

As salas de aula raramente são homogéneas, em termos de origem religiosa, cultural, social ou étnica. Os alunos trazem consigo as suas experiências individuais, as suas ideias, as suas emoções e as suas preocupações. Além disso, debates políticos e questões políticas da atualidade afetarão a forma como os alunos abordam o tema. A natureza diversa de cada sala de aula e os debates públicos em curso oferecem múltiplas possibilidades de tornar o Holocausto relevante para os alunos e para o seu envolvimento no tema.

Seja sensível aos sentimentos e opiniões dos alunos, especialmente em relação a assuntos que os preocupam verdadeiramente. Crie oportunidades para a discussão aberta desses assuntos. Prepare-se para examinar outras histórias de genocídio, racismo, escravatura, perseguição ou colonialismo, no mundo moderno. Acautele a distinção clara entre casos diferentes, incluindo as causas e a natureza de cada um. Discuta as diferenças entre “comparar” e “equiparar”.

Alunos que sintam que o sofrimento histórico ou contemporâneo de grupos com os quais se identificam não foi abordado podem oferecer resistência a aprender sobre a perseguição e o assassinato de outros. Assegure-se de que os alunos tenham a oportunidade de aprender sobre esses outros assuntos, em diferentes contextos de aprendizagem, assegurando-se também de que essas considerações não se tornam um exercício de especulação na quantificação do sofrimento.

3.2.3 Refletir sobre os objetivos e a fundamentação da utilização de materiais escritos e de apoio visual – especialmente os de natureza gráfica

Imagens e textos devem ser selecionados com cuidado, considerando intencionalmente os benefícios educativos. O respeito, no contexto educacional, tanto pelas vítimas do Holocausto como pelos alunos, requer uma abordagem sensível e uma reflexão cuidadosa acerca do que é apropriado. Utilizar imagens gráficas com o objetivo de chocar e horrorizar é degradante para as vítimas e pode reforçar o estereótipo dos Judeus enquanto mártires. As imagens podem também não ter em conta a sensibilidade dos alunos na sala quanto a trauma humano e pudor. O Holocausto pode ser ensinado de forma eficiente sem recurso a imagens e excertos de filmes gráficos.

Tal como em relação à terminologia (ver 3.1.2), preste atenção à fonte dos materiais selecionados. Os perpetradores do Holocausto produziram muitas fotografias, filmes e documentos que podem ser recursos educacionais úteis, desde que se deixe claro o contexto. Os educadores devem questionar constantemente a utilização das fontes e perguntar-se quais os objetivos pedagógicos a atingir com a utilização de materiais específicos.

3.2.4 Humanizar a história através da transformação de estatísticas em histórias pessoais

Dê aos alunos oportunidade de verem as vítimas de perseguição nazi na sua individualidade. Os educadores poderão encontrar metodologias para tornarem reais, para os seus alunos, a dimensão do Holocausto e os números envolvidos. Muitas pessoas acharão difícil identificarem-se com a tragédia do Holocausto se esta for apresentada apenas em termos estatísticos. Referências repetidas a “seis milhões” correm o risco de agrupar comunidades e indivíduos numa massa anónima, e as tentativas de visualização da enormidade dos números podem despersonalizar-se e desumanizar-se ainda mais.

Em vez disso, utilize, sempre que possível, estudos de caso, testemunhos de sobreviventes, cartas e diários da época, para mostrar experiências humanas. Os alunos deverão ser capazes de exemplificar como cada “estatística” foi uma pessoa real, com uma vida antes do Holocausto, que existiu num contexto de família, amigos e comunidade. Enfatize sempre a dignidade e humanidade das vítimas.

3.2.5 Criar uma oportunidade para examinar a complexidade dos papéis desempenhados pelas pessoas ao invés de reforçar estereótipos

Focar-se nas histórias dos indivíduos, nos seus dilemas morais e nas suas escolhas pode tornar a história do holocausto mais imediata e interessante para os alunos e mais relevante para as suas vidas, no momento atual.

Providencie recursos históricos que permitam aos alunos compreender a complexidades de fatores que influenciam a ação humana. Demonstre como pessoas reais fizeram escolhas que contribuíram para os acontecimentos, através da discussão sobre como as ações das pessoas foram influenciadas por um largo espectro de fatores, nomeadamente as estruturas sociais, a economia, a ideologia, as convicções pessoais e fatores motivacionais. Nos estudos sobre o Holocausto, têm surgido termos como “perpetrador”, “espectador”, “vítima” e “salvador” para classificar e analisar tipos particulares de atores históricos. Assegure-se de que os alunos entendem que estas categorias foram impostas no passado, não derivando diretamente do mesmo. Há habitualmente duplicidade e fluidez no comportamento humano e uma pessoa descrita como “espectador” num contexto, pode ter sido um “perpetrador” noutra situação, ou até mesmo uma “vítima”, noutra circunstância.

Tenha cuidado para evitar reforçar estereótipos que sugiram que todos os salvadores foram heróis, bons e gentis, que todos os espectadores foram passivos e que todos os perpetradores foram sádicos. Sublinhe, sobretudo, que as “vítimas” não eram impotentes, mas sim indivíduos que reagiram a situações stressantes, em função de condicionalismos como a idade, a ascendência familiar e o contexto de vida. Deve ter-se especial cuidado para garantir que generalizações sobre o “caráter nacional” sejam evitadas e que, caso estas surjam, sejam desmontadas.

3.2.6 Não tentar apresentar os perpetradores como “monstros desumanos”

As motivações dos perpetradores necessitam de ser estudadas em profundidade: os alunos poderão utilizar fontes primárias, estudos de caso e biografias individuais para mensurarem a importância relativa dos fatores. As estruturas sociais, a economia, a ideologia, o preconceito, a propaganda, a xenofobia, a desumanização, a pressão interpessoal, a psicopatologia criminal e fatores motivacionais como o medo, o poder ou a ganância, desempenharam um papel nas decisões tomadas pelos indivíduos sobre participarem ou serem cúmplices no Holocausto. A intenção não é normalizar, mas sim compreender porque é que os seres humanos agiram como agiram. Compreender não é aceitar.

3.2.7 Ser cauteloso na utilização de simulações e dramatizações

Tenha cuidado com as simulações, com a escrita criativa ou com exercícios de dramatização que encorajem os alunos a imaginarem terem estado diretamente envolvidos no Holocausto. As tentativas para “encontrar conexões” podem conduzir a falsas correspondências ou à banalização, à medida que os alunos fazem comparações com as suas próprias vidas. Alguns jovens poderão identificar-se demasiado com os acontecimentos do Holocausto e poderão entusiasmar-se com o poder e, até, com o “*glamour*” dos Nazis. Alguns poderão demonstrar um fascínio mórbido pelo sofrimento das vítimas. Alunos com experiências de vida ou histórias familiares traumáticas poderão sentir “*stress*” intenso ao se identificarem com aqueles episódios, na exploração histórica.

Considere implementar atividades através da utilização de “posição de observador”, que refletem de forma mais rigorosa a nossa postura em relação ao passado. Por exemplo, poderá pedir-se aos alunos que representem o papel de alguém de um país neutro a reagir aos acontecimentos: talvez um jornalista a escrever um artigo para o seu jornal sobre a perseguição dos Judeus; um cidadão preocupado a escrever ao seu representante político ou um ativista a tentar mobilizar a opinião pública. Estas ações podem ser motivadoras para a aprendizagem e ainda chamar a atenção para possíveis formas de atuação dos alunos perante acontecimentos da atualidade que lhes digam respeito. Os educadores poderão encorajar a empatia genuína, através de histórias pessoais, estudos de caso e testemunhos de sobreviventes.

Lembre-se de envolver os alunos em debates após qualquer dramatização, simulação ou exercício de imaginação. É essencial compreender como os alunos reagiram à atividade e como a processaram.

3.2.8 Incentivar o estudo da história e da memória locais, regionais, nacionais e universais

Em países onde aconteceu o Holocausto, enfatize esses acontecimentos específicos no contexto da história nacional daquele período, sem esquecer a dimensão europeia do Holocausto. Esta investigação poderá incluir experiências de vítimas, salvadores, perpetradores, colaboradores, resistentes e espectadores. Os Educadores deverão encorajar e viabilizar a reavaliação de narrativas “nacionais” comuns sobre o período em causa.

3.2.9 Uma abordagem interdisciplinar pode enriquecer a compreensão do Holocausto

Os acontecimentos do Holocausto revelam comportamentos humanos extremos que tocam muitas áreas da experiência humana. Conseqüentemente, este tópico é relevante para Educadores de várias disciplinas. Uma abordagem interdisciplinar pode enriquecer a compreensão dos alunos sobre o Holocausto, através do seu estudo em diversas áreas de conhecimento, olhando o Holocausto de diferentes perspectivas e adquirindo ideias e conhecimento em múltiplas áreas de estudo.

Aprender sobre o Holocausto através da história evoca emoções poderosas que a arte, a poesia e a música podem ajudar a expressar criativamente e com imaginação. O Holocausto levanta questões morais, teológicas e éticas importantes, que os alunos podem explorar nas aulas de Educação Moral ou de Cidadania e Desenvolvimento. Programas e projetos de aprendizagem, nacionais e internacionais, que juntam os alunos, no estudo do tema, com os seus pares de outras partes do país, ou de outros países, podem contribuir para um melhor entendimento das histórias locais, regionais e universais do Holocausto.

Para tal é preciso diálogo e cooperação entre educadores de diferentes áreas e talvez de diferentes localizações, para encontrarem objetivos viáveis e atividades complementares, num horário que assegure o desenvolvimento lógico do conhecimento e da compreensão. As plataformas digitais de aprendizagem e as ferramentas de comunicação podem viabilizar atividades pedagógicas entre alunos de diferentes áreas ou localizações.



3.3 PENSAMENTO CRÍTICO E INTROSPEÇÃO

3.3.1 Demonstrar que o Holocausto não era inevitável

O facto de um acontecimento histórico ter acontecido e ter sido documentado não significa que fosse inevitável. O Holocausto aconteceu porque os indivíduos, os grupos e as nações tomaram a decisão de agir ou de não agir.

3.3.2 Discutir a complexidade da história

Recorde aos alunos que, em vez de encontrarem respostas simples, os acontecimentos como o Holocausto frequentemente levantam novas questões. A vontade de “aprender lições” com o Holocausto pode levar à simplificação das respostas diretas sobre o certo e o errado – o Holocausto aconteceu porque as pessoas falharam na seleção das opções morais corretas, conduzindo a uma leitura superficial da história. Pelo contrário, a análise do Holocausto levanta questões acerca da natureza das escolhas individuais, o “problema do mal” e a maneira como os indivíduos fazem, ou não, as pazes com o passado.

Dê aos alunos a hipótese de estudarem e investigarem o Holocausto em profundidade, incluindo as questões propostas na secção “O que ensinar”, que aborda os dilemas das vítimas, salvadores, perseguidores e espectadores.

Discuta também com os alunos o carácter provisório das respostas históricas, em função do aparecimento de novas fontes. Encoraje os alunos a encararem o seu trabalho sobre o Holocausto como algo conducente ao entendimento provisório do Holocausto e não como uma resposta definitiva.

Finalmente, apesar de as comemorações e a educação deverem manter-se coisas distintas, as práticas comemorativas podem ser uma estratégia valiosa para lidar com as necessidades emocionais dos alunos num plano de estudo tão exigente.

3.3.3 Ajudar os alunos a desenvolverem uma consciência histórica através do estudo das Interpretações e da Memória do Holocausto

- **Encoraje os alunos a analisarem criticamente as diferentes interpretações do Holocausto**

A aprendizagem em sala de aula e o nosso entendimento do passado sofrem sempre a influência de contextos culturais mais alargados. As representações académicas e populares do Holocausto através de filmes, dos meios de comunicação social, de documentários, da arte, do teatro, de romances, de memoriais e de museus modelam a memória coletiva. Cada interpretação ou representação é influenciada pelas circunstâncias em que foi produzida e pode dizer tanto sobre o tempo e o lugar em que foi criada, como sobre os acontecimentos que retrata.

Crie oportunidades para os alunos refletirem sobre o como e o porquê de tais interpretações e representações do passado terem sido produzidas, os testemunhos em que se baseiam, bem como a intenção com que foram produzidas. Ajude os alunos a compreenderem que, embora existam áreas de debate histórico legítimas, nem todas as interpretações são igualmente válidas.

- **Convide os alunos a participarem em dias comemorativos e de Memória do Holocausto, locais e nacionais, e a refletirem sobre elas**

Acontecimentos como datas para a Memória do Holocausto são oportunidades para a criação de projetos intergeracionais, encorajam o debate entre familiares sobre assuntos contemporâneos relacionados e facilitam outras formas de aprendizagem em comunidade.

Além de permitirem que a aprendizagem sobre o Holocausto se desloque da sala de aula para a comunidade alargada, estas ocasiões podem ser, elas próprias, objeto de investigação e de aprendizagem. Pode pedir-se aos alunos que reflitam sobre como é que as influências culturais moldam a memória e os memoriais, sobre como é que a sua comunidade local escolhe refletir sobre o passado, sobre como grupos diferentes selecionam a história para construir as suas próprias narrativas, sobre se a sua nação encara aspetos difíceis da sua história nacional e em que é que essas comemorações diferem das de outros países.

- **Crie a oportunidade de refletir sobre o papel da história para a construção de sentido e de identidade no presente**

A “consciência histórica” reconhece que todas as narrativas históricas de acontecimentos passados são moldadas pelo contexto no qual a narrativa é produzida. A consciência histórica reconhece que o nosso entendimento do passado tem significado, no presente, para os indivíduos e para os grupos, e que esta influenciará as nossas expectativas sobre o futuro.

A “memória coletiva” é como um grupo de pessoas recordam um acontecimento histórico, muitas vezes refletindo os valores dessa sociedade, e como passam essa memória de umas gerações para as outras.

À medida que os alunos são confrontados com diferentes narrativas históricas sobre o Holocausto, encoraje-os a fazerem perguntas como:

1. Porque é que os factos fundamentais destas narrativas variam?
2. Quais os factos presentes e ausentes nas diferentes narrativas do Holocausto?
3. Por que motivo se dá mais ênfase a uma narrativa do que a outra?

Reconhecer que o nosso entendimento do passado é influenciado por contextos culturais, políticos e temporais da atualidade pode tornar os alunos mais capazes de desenvolverem a sua consciência histórica.

3.3.4 Apresentar o povo Judeu para além do Holocausto

Os Judeus têm uma história longa e uma herança cultural rica. Assegure-se de que a experiência dos Judeus durante o Holocausto é devidamente contextualizada na história, referindo a sua existência prévia e posterior. Permita aos alunos verem os Judeus como algo mais que as desumanizadas e degradadas vítimas da perseguição Nazi (ver 2.4.2). Assegure-se de que os alunos entendem a enorme perda para a cultura mundial contemporânea que resultou da destruição das ricas e vibrantes comunidades europeias de Judeus.

3.3.5 Evitar legitimar a distorção e a negação do passado

Embora a negação óbvia do Holocausto seja rara, a sua distorção é o fenómeno mais recorrente. Tanto a distorção como a negação minam o pensamento crítico, ao ignorarem e degradarem verdades históricas e um entendimento factual da história.

A negação do Holocausto – definida pela IHRA como “discurso e propaganda que nega a realidade histórica e a dimensão do extermínio dos Judeus” – tem, muitas vezes, motivações ideológicas, fazendo frequentemente parte da teoria da conspiração subjacente ao antissemitismo moderno. Uma característica da conspiração inerente à negação do Holocausto é a afirmação de que os Judeus exageram ou fabricam o Holocausto enquanto acontecimento histórico para obterem vantagens financeiras, influência ou poder. Aqueles que negam o Holocausto tentam semear a dúvida através da distorção ou da apresentação incorreta dos factos históricos. Tenha cuidado para não legitimar, involuntariamente, esta posição, ao permitir debates sem fundamento. É necessário ter cuidado para não dar notoriedade aqueles cujas ideologias negam o Holocausto para defenderem os seus pontos de vista. Não trate a negação do Holocausto como um argumento histórico legítimo, nem tente fazer os seus defensores mudarem de posição pelo recurso ao debate histórico normal ou à argumentação racional.

Tal como outras teorias da conspiração, a negação do Holocausto pode despertar o interesse dos alunos, na medida em que estas teorias desafiam posições factuais convencionais, aceites por um grande número de pessoas e defendidas pelo poder vigente. Neste caso, as críticas ao Holocausto não são necessariamente motivadas por convicções ideológicas, mas sim pela tentativa de desafiar convenções ou de testar a reação de professores ou de outras autoridades. Se for o caso, tente entender o que motiva os comentários a favor da negação do Holocausto, seja num debate em sala de aula ou numa conversa individual. Perguntar por que motivo estas teorias são importantes para os alunos pode ser um bom ponto de partida para o diálogo.

A distorção do Holocausto – “esforço intencional para validar a ocorrência do Holocausto ou os seus principais elementos, ou para minimizar o seu impacto” – pode ser motivada por diversos fatores. Pode incluir, entre outras razões, a tentativa de minimizar o impacto do Holocausto e a responsabilidade da Alemanha Nazi, pela culpabilização de outras nações ou grupos. O mesmo se aplica à negação e distorção do genocídio dos Roma e dos Sinti, em que normalmente se apresentam as vítimas como sendo criminosas, cuja ação justifica a perseguição de que foram alvo.

A distorção pode ser rebatida com a referência a factos históricos presentes em fontes primárias e na literatura de investigação. Refletir sobre o assunto e procurar saber onde os alunos obtiveram a informação incorreta e o que os motivou a apropriarem-se da mesma, pode ajudar os educadores a reagirem adequadamente e a encontrarem estratégias eficientes para lidarem com a distorção na sala de aula.

A análise em profundidade da distorção e da negação do Holocausto pode, e deve, ser separada da história do Holocausto. Esta análise pode ser relevante para uma unidade pedagógica distinta, sobre a evolução do antissemitismo ao longo do tempo ou para um projeto sobre os meios de comunicação social e a manipulação, a apresentação falseada de informação e a distorção utilizadas para fins políticos, sociais ou económicos. A [“Definição de Trabalho de Negação do Holocausto e sua Distorção”](#) da IHRA pode ser utilizada em conjunto com as definições desta secção e com o glossário no final deste documento.

3.4 FONTES E RECURSOS PARA UM ENSINO E UMA APRENDIZAGEM EFICAZES

3.4.1 Disponibilizar aos alunos o acesso a fontes primárias

Dê aos alunos a oportunidade de analisarem criticamente fontes primárias e de compreenderem que a análise, a interpretação e a visão crítica devem basear-se numa leitura adequada das fontes históricas.

É nas cartas, diários, jornais, discursos, obras de arte, ordens e documentos oficiais da época que os perpetradores, vítimas, salvadores e observadores se revelam. As fontes primárias são essenciais para uma exploração significativa da motivação, dos pensamentos, dos sentimentos e das ações das pessoas, no passado, bem como para qualquer tentativa séria de compreender porque é que as pessoas fizeram certas escolhas ou porque é que os acontecimentos se desenrolaram de determinada forma.

3.4.2 Utilizar testemunhos para criar uma ligação única ao passado

Para além de os alunos aprenderem a História, a utilização de testemunhos em primeira mão ajuda os alunos a compreenderem o impacto que os acontecimentos tiveram nos indivíduos. Recordar acontecimentos numa perspetiva pessoal permite compreender a diferença entre factos e considerações, permitindo ainda refletir sobre a essência da memória.

Alguns países ainda têm sobreviventes do Holocausto vivos, nas suas comunidades. Se possível, contacte um sobrevivente e convide-o/a para falar. Será uma experiência educativa especial. Outros indivíduos diretamente envolvidos no Holocausto, ou testemunhas em primeira mão (salvadores, libertadores e outros), também são contributos impactantes. Estar na presença de alguém que participou nos acontecimentos históricos pode ajudar à compreensão da história, o que nem sempre se consegue com a utilização de outras fontes.

Se convidar um sobrevivente ou uma testemunha para um ambiente educativo, prepare cuidadosamente os momentos antes, durante e após a experiência, de modo a maximizar o potencial positivo do diálogo entre os alunos e a pessoa convidada. Assegure-se de que os alunos conhecem bem os acontecimentos, através da utilização de fontes primárias e secundárias. Lembre-se de que o encontro com testemunhas tem como único objetivo a transmissão do conhecimento da história. Considere estudar antecipadamente a história de vida do interveniente, assegurando-se de que existe contexto suficiente para uma partilha respeitosa e recetiva. Ajude os alunos a compreenderem que, apesar de os acontecimentos terem tido lugar há muito tempo, poderá ainda ser doloroso para o orador recordar experiências tão intensamente pessoais. Encoraje quem vai conhecer o sobrevivente a não fazer apenas perguntas sobre a sua experiência durante o Holocausto, mas também acerca da sua vida antes e depois, de modo a que vejam a pessoa como um todo e a sua maneira de lidar com as experiências vividas.

À medida que diminui o número de sobreviventes do Holocausto capazes de contarem a sua história a audiências mais alargadas, os testemunhos em vídeo são uma boa alternativa.

Uma vez que os testemunhos em vídeo são complexos por natureza, prepare aulas em que os mesmos sejam utilizados para explicarem os acontecimentos históricos, e não apenas para os ilustrarem. Em vez de utilizar os testemunhos na sua totalidade, utilize excertos cuidadosamente selecionados, em função dos objetivos pedagógicos da aula. Seja especialmente cuidadoso na seleção de excertos passíveis de várias interpretações, que permitam aos alunos explorá-los tanto do ponto de vista cognitivo, como numa perspetiva afetiva. Contextualize na história e nas circunstâncias da entrevista.

O hiato temporal entre o acontecimento histórico e a narração do testemunho poderá ser passível de análise. Os alunos poderão refletir sobre como o testemunho é afetado pelas circunstâncias da entrevista, por processos de registo da história pela historiografia e memória coletiva e pela alteração das circunstâncias de vida respeitantes à testemunha. O ensaio da IHRA [“Teaching about the Holocaust without survivors” \(Ensinar o Holocausto sem Sobreviventes\)](#) fornece recomendações mais detalhadas.

3.4.3 Esteja ciente do potencial e das limitações dos materiais pedagógicos

Avalie o rigor histórico de todos os materiais e contextualize todas as evidências. Sempre que possível, inclua histórias pessoais com ligações ao contexto local ou aos acontecimentos: A utilização de diários, cartas, fotografias e outros testemunhos das vítimas e sobreviventes pode dar autenticidade aos seus relatos. Utilize estudos de caso que desafiem e subvertam os estereótipos negativos dos grupos de vítimas que existam na sociedade ou no grupo de alunos. Peça aos alunos que discutam o conteúdo e a essência dos manuais e de outros materiais pedagógicos.

Note que muitas das evidências do Holocausto, sejam elas documentos, fotografias ou filmes, foram produzidas pelos Nazis. Tenha em mente que a reprodução de propaganda Nazi e a utilização de fotografias ou filmes das atrocidades em alguns materiais pedagógicos poderá reforçar visões negativas das vítimas e, mais uma vez, degradá-las, desumanizá-las ou equipará-las a meros objetos.

Finalmente, certifique-se de que tem em consideração o desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos. Assegure-se de que as imagens e os textos são adequados e de que os alunos estão preparados para o efeito emocional que estes podem ter.

3.4.4 Utilização de recursos ficcionados ou criativos

Romances, novelas, poemas e filmes sobre o Holocausto não substituem o estudo rigoroso dos acontecimentos históricos mas podem oferecer uma abordagem pessoal e ideias pessoais sobre a natureza e as consequências do crime. Obras sobre o Holocausto de elevado valor estético são passíveis de criarem empatia e compreensão, ao focarem-se na experiência individual das vítimas e ao facilitarem a compreensão dos acontecimentos. Contudo, essa empatia e compreensão apenas serão alcançadas se se evitar o sentimentalismo e o kitsch.

Os recursos ficcionados devem respeitar os acontecimentos específicos, os factos e as condições do Holocausto, sem manipulação ou modificação da história. Este princípio é extensível a filmes baseados em biografias ou a literatura de memória, sendo que estes são, por vezes, flexíveis, na adaptação da verdade, sob a proteção da frase “Baseado numa histórica verdadeira”.

Contudo, os recursos ficcionados e criativos também podem:

- Desenvolver o pensamento crítico sobre narrativas históricas e desenvolver a consciência da história;
- Permitir a aprendizagem interdisciplinar sobre o Holocausto;
- Ajudar os alunos a identificarem a linguagem da discriminação e do racismo.

Além disso, a ficção pode dar aos alunos mais jovens uma versão adaptada do passado que enquadra os acontecimentos de forma adequada à faixa etária, mantendo o rigor histórico. Livros com ilustrações podem proporcionar-lhes estímulos visuais adequados para suporte à aprendizagem.

O primeiro desafio para os educadores é o de encontrarem e utilizarem recursos que obedeçam aos critérios enunciados anteriormente. Isto significa que os educadores devem estar suficientemente seguros do seu conhecimento da história para fazerem a distinção entre informação incorreta ou distorcida (ficção) e factos históricos rigorosos e realistas (verdade). Os recursos ficcionados são complementares e não substituem fontes históricas. Os intervenientes no processo educativo devem consultar os seus colegas professores de História para encontrarem textos informativos e investigação histórica que acompanhem a utilização de recursos ficcionados.

É responsabilidade de todos os educadores prevenirem a desinformação sobre o Holocausto. Isto significa, inevitavelmente, que alguns recursos ficcionados são problemáticos, apesar de estarem facilmente acessíveis e de serem famosos e apelativos, não devendo, por isso, ser utilizados para o ensino e a aprendizagem sobre o Holocausto.

O livro e o filme *O Rapaz do Pijama às Riscas* são frequentemente utilizados nas aulas de língua inglesa. Embora a história possa estimular o interesse do aluno, os detalhes e a narrativa, quer do livro, quer do filme, não são fiéis aos factos históricos, criando impressões falsas de vítimas, perpetradores e locais fundamentais. A investigação destes aspetos, pela comparação com fontes históricas e evidências, por alunos de nível avançado, poderá ser o ponto de partida e o estímulo para a revisão crítica, mas alunos com poucos ou nenhuns conhecimentos provavelmente assimilarão informação errada sobre o Holocausto que poderá nunca vir a ser posta em causa e, muito menos, desaprendida.

3.4.5 Apoiar os alunos no trabalho com fontes retiradas da Internet, numa perspetiva crítica

A Internet é um meio indispensável, que influencia o conhecimento, as perspetivas e as opiniões de muitos alunos. Embora possa ser uma ferramenta educativa de pesquisa válida, os educadores e os alunos devem utilizar websites e redes sociais cuidadosamente, e com espírito crítico. A melhor estratégia é recomendar sítios credíveis, certificados tendo em conta estas recomendações. Utilize o sítio [IHRA International Directory of Holocaust Organizations](#) para encontrar sítios úteis, adequados às suas necessidades. Em [“Roma Genocide: Overview of international organizations working on historical and contemporary issues”](#), da IHRA, poderá encontrar material de apoio ao estudo do genocídio dos Roma e dos Sinti.

Enfatize a necessidade de avaliar criticamente todas as fontes de informação. Os alunos deverão entender a importância de ter em conta o contexto em que a informação foi produzida e deverão ser-lhes fornecidas as ferramentas e o treino necessários para avaliarem criticamente qualquer fonte. Encoraje os alunos a colocarem questões como as que se apresentam no diagrama abaixo.

Há um objetivo?

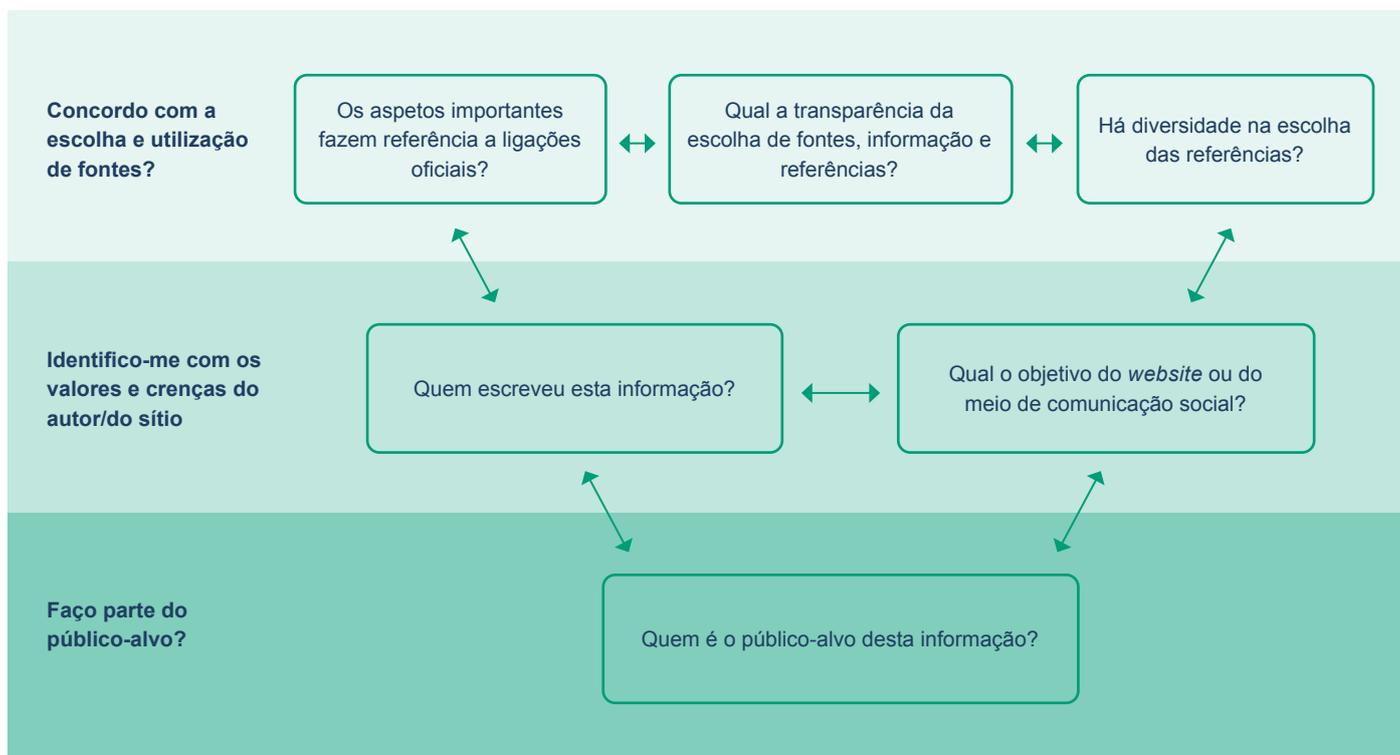


Figura 3. Exemplos de questões para análise crítica das fontes na internet

Outro elemento importante para a análise crítica das fontes na internet consiste na discussão da origem, originalidade e objetivo de material visual como fotografias e filmes. Deverá ser avaliada a literacia para os *media* e deverá ser reforçada, não se assumindo que os alunos a possuam. Os jovens deverão ser informados de que alguns sítios da internet e alguns canais nas redes sociais são produzidos por pessoas que negam o Holocausto, antissemitas e racistas, com o intuito claro de espalhar a desinformação e de enganar. Deverão ser treinados para observar e questionar as relações entre o proprietário da fonte e os seus colaboradores ou interlocutores.

Poderá ainda ser útil identificar redes sociais de diferentes tipos e discutir o seu funcionamento, o seu público alvo e o motivo pelo qual as pessoas as usam. As redes sociais incluem:



Figura 4. Alguns exemplos de redes sociais

Contudo, deve ter-se em mente que a popularidade de certas páginas da internet e aplicações, bem como a sua introdução no mercado, necessitam de monitorização, uma vez que são alvo de mudanças rápidas e extremas. Atualmente, ter consciência (em termos profissionais) do modo como os alunos utilizam as redes sociais, pode ser um aspeto importante na educação.

3.5 RELACIONAR A HISTÓRIA COM O PRESENTE: O HOLOCAUSTO, OS GENOCÍDIOS E AS VIOLAÇÕES DOS DIREITOS HUMANOS

3.5.1 As dimensões da Educação para os Direitos Humanos e a sua ligação com o ensino e a aprendizagem sobre o Holocausto

A Declaração das Nações Unidas sobre Educação e Formação para os Direitos Humanos (2011) define três dimensões da Educação para os Direitos Humanos. Estas três dimensões são apresentadas na fig. 5, abaixo, em conjunto com sugestões para a sua ligação ao Ensino e à aprendizagem sobre o Holocausto.

Dimensão 1	Ensinar <i>sobre</i> os direitos humanos: compreender normas e princípios dos direitos humanos	O impacto do Holocausto na formulação, estruturação e consolidação dos direitos humanos, especialmente na Declaração dos Direitos Humanos e na Convenção contra o Genocídio das Nações Unidas.
Dimensão 2	Ensinar <i>através</i> dos direitos humanos: utilizar metodologias na perspectiva dos direitos humanos.	Utilização de metodologia ativa, centrada no aluno, que potencia e consolida a descoberta, respeitando, sustentando e reforçando os direitos dos alunos e dos educadores.
Dimensão 3	Ensinar <i>para</i> os direitos humanos: capacitar os alunos para aplicarem e defenderem os princípios subjacentes aos direitos humanos	Ensinar e aprender sobre o Holocausto pode proporcionar estudos de caso de mecanismos e processos que conduzem a violações dos Direitos Humanos, passíveis de transformação em violência dirigida de larga escala, como o genocídio.

Figura 5. Dimensões dos Direitos Humanos aplicados ao Ensino e à aprendizagem sobre o Holocausto



3.5.2 Aspetos importantes a ter em conta ao combinar o ensino e a aprendizagem sobre o Holocausto com a Educação para os Direitos Humanos

O ensino e a aprendizagem sobre o Holocausto podem ser ferramentas poderosas para a Educação para os Direitos Humanos, mas os educadores devem ter atenção aos seguintes aspetos importantes:

- a) Todas as sugestões apresentadas nestas recomendações sobre a precisão e o rigor na linguagem e no discurso, bem como sobre a utilização de metodologias centradas no aluno, são aplicáveis a aulas que incluam aspetos da Educação para os Direitos Humanos.
- b) Deve ser respeitada a especificidade do Holocausto e de outras violações dos Direitos Humanos, devendo as comparações ser feitas com cuidado. Comparar acontecimentos requer o conhecimento detalhado de cada elemento a comparar, sob pena de haver comparações históricas impeditivas da compreensão, do pensamento crítico e da análise. Os educadores deverão ser honestos e claros relativamente ao seu nível de conhecimento, tanto sobre o Holocausto, como sobre quaisquer outros acontecimentos em estudo.
- c) A distinção entre o Holocausto e as lições que podemos aprender com ele deve ser clara. O passado aconteceu de modo particular, por razões específicas; a simplificação excessiva dos factos históricos ou de conceitos mais alargados para enfatizar “lições” singulares não é útil, nem a educadores nem a alunos. Os educadores devem ter especial cuidado com a imposição de conhecimento ou de valores contemporâneos ao conhecimento e aos valores do passado. As fontes primárias e a humanização das vítimas deverão acentuar tanto as diferenças como as semelhanças entre os vários acontecimentos.

- d) Os educadores devem deixar clara a diferença entre os perpetradores do passado e as sociedades do presente. Deve evitar-se fazer juízos de valor sobre “identidade nacional”. Por exemplo, é importante aproveitar as oportunidades para estudar as várias respostas do povo Alemão às políticas Nazis, incluindo entusiasmo, apoio, cooperação, descontentamento, apatia e resistência ativa. O mesmo se aplica ao estudo da ação dos colaboradores. Evite usar considerações sobre comportamentos passados para explicar de forma simplista comportamentos presentes.
- e) Assegure-se de que a comparação entre genocídios ou entre atentados aos Direitos Humanos não hierarquiza o sofrimento, passado ou presente. O sofrimento dos alvos dos Nazis e seus colaboradores foi intenso e real e não deverá ser utilizado exclusivamente para suscitar empatia, no presente. Da mesma forma, o sofrimento experimentado pelos seres humanos em diferentes contextos também merece reconhecimento. Os motivos, políticas e processos que permitem o aparecimento de condições de discriminação, exploração económica, perseguição e assassinato são frequentemente diversos e complexos – tanto no passado, como no presente. Os educadores devem às vítimas, passadas e presentes, o entendimento rigoroso do respetivo sofrimento, nos seus termos, e não por comparação com outros.

Acima de tudo, é importante lembrar que o ensino e a aprendizagem sobre o Holocausto têm uma especificidade própria. Embora existam oportunidades na fusão cautelosa e sensata de perspetivas, ao ensinar sobre o Holocausto na perspetiva dos Direitos Humanos os educadores deverão evitar simplificar o contexto histórico ou ceder a comparações históricas.

LISTA DE CONCEITOS CHAVE

Anti ciganismo: racismo contra pessoas “ciganas”, embora os alvos principais sejam habitualmente os **Sinti** e os **Roma**.

Anti judaísmo: ódio e desprezo em relação aos **Judeus**, fundamentado em preconceitos religiosos.

Antissemitismo: A definição [prática de antissemitismo](#) juridicamente não vinculativa, da IHRA, afirma que «**O antissemitismo é uma determinada percepção dos judeus, que se pode exprimir como ódio em relação aos judeus. Manifestações retóricas e físicas de antissemitismo são orientadas contra indivíduos judeus e não judeus e/ou contra os seus bens, contra as instituições comunitárias e as instalações religiosas judaicas.**»* incluindo onze exemplos de algumas formas de antissemitismo atuais. Antes e durante o Holocausto os Judeus foram alvo de várias formas de antissemitismo, pelos Nazis e por outros. Os efeitos desse antissemitismo escalaram: preconceito social, restrições legais, encarceramento em massa, isolamento em guetos, deportação e assassinato.

Observadores: países e indivíduos que, tendo conhecimento dos crimes Nazis, optaram por não intervir, embora tivessem liberdade de ação, reforçando, deste modo, a determinação dos perpetradores em praticarem os crimes.

Colaboradores: regimes não-alemães e pessoas que cooperaram com os Nazis, apoiaram ativamente as suas políticas e agiram em conformidade com as ordens destes ou por iniciativa própria.

Campos de concentração: instituições criadas na Alemanha Nazi para manter presos os seus inimigos políticos ou os seus opositores. Situavam-se frequentemente nos subúrbios das grandes cidades, sendo um indicador de grande visibilidade da predisposição do regime Nazi para o uso da violência e do terror. Os reclusos dos campos de concentração viviam em condições desumanas, sendo alvo de tortura, passando fome e sendo, nalguns campos, cobaias de experiências médicas. Durante a Segunda Guerra Mundial as autoridades Alemãs alargaram a rede de campos de concentração. No fim da guerra esta rede incluía campos de trabalho, onde os prisioneiros eram sujeitos a trabalhos forçados, campos de transição, que albergavam um grande número de vítimas até à sua deportação e, ainda, campos do tipo existente antes de 1939. Os campos da morte surgiram no final de 1941/ início de 1942, com o objetivo específico de assassinar massivamente.

Crimes contra a humanidade: A definição no Artigo 6º Código de Nuremberga foi melhorada e complementada pelo Estatuto de Roma do Tribunal Criminal Internacional, adotado pelas Nações Unidas em 1998. Segundo o Artigo 7º, o extermínio, a escravidão, a deportação ou o transporte de população pela força, a prisão com origem na violação das regras fundamentais da lei internacional, a tortura, o estupro e outros atos graves, intencionalmente causadores de sofrimento extremo ou de danos graves no corpo ou na saúde física e mental, são considerados crimes contra a humanidade, quando praticados num ataque abrangente ou sistemático a qualquer população civil.

Campos da morte: campos criados para o assassinato sistemático de Judeus e dos Roma. As câmaras de gás no campo da morte de Kulmhof (ou campo da morte de Chelmo), e os campos de Belzec, Sobibor e Treblinka serviam exclusivamente este objetivo. Auschwitz, Majdanek e Maly Trostinets tinham instalações idênticas às dos campos da morte e serviam ainda de campos de concentração, campos de trabalho ou campos de transição.

Esquadrões da morte: unidades assassinas móveis da Polícia de Segurança ou do Serviço de Segurança das SS. Após a invasão da União Soviética pela Alemanha, em 1941, estas unidades, sob a alçada da Tropa de Proteção* e de colaboradores locais, deu início ao assassinato sistemático de Judeus, por fuzilamento, ou nas câmaras de gás.

*Orpo – Ordnungspolizei, em Alemão; polícia alemã entre 1936 e 1945. Era também conhecida como Grüne Polizei ou polícia verde.

N. da T.

Holocausto: perseguição sistematizada e o assassinato de judeus, por indicação estatal, pela Alemanha nazi e respetivos colaboradores, entre 1933 e 1945.

Negação do Holocausto: a [“Definição de Trabalho de Negação e Distorção do Holocausto”](#) da IHRA, embora sem carácter legalmente vinculativo, define o Holocausto como “discurso e propaganda que negam a realidade histórica e a extensão do extermínio de Judeus, conhecido como Holocausto ou Shoá, pelos Nazis e seus cúmplices, durante a Segunda Guerra Mundial. A negação do Holocausto refere-se, especificamente, a qualquer afirmação de que o **Holocausto/Shoah** não aconteceu. A negação do Holocausto pode incluir negar publicamente este acontecimento, lançar a dúvida sobre o uso dos principais mecanismos de destruição (câmaras de gás, fuzilamentos em massa, morte pela fome ou tortura) ou sobre a intencionalidade do genocídio do povo Judeu”.

Distorção do Holocausto: a [“Definição de Trabalho de Negação e Distorção do Holocausto”](#) da IHRA, embora sem carácter legalmente vinculativo, exemplifica uma série de tentativas de lançar a dúvida sobre a factualidade do Holocausto. Apesar de não se limitarem a isto, essas tentativas incluem a minimização grosseira do número de vítimas do Holocausto; a culpabilização dos Judeus pelo seu próprio genocídio; a apresentação do Holocausto como um acontecimento histórico positivo.

Genocídio: o artigo 2º da *Convenção para a Prevenção e Repressão do Crime de Genocídio* (1948) define genocídio como “qualquer dos seguintes atos, praticado com o intuito de destruir, total ou parcialmente um grupo nacional, étnico, racial ou religioso:

- (a) matar membros do grupo;
- (b) causar danos sérios, físicos ou mentais, aos membros do grupo;
- (c) infligir deliberadamente ao grupo condições de vida propícias à sua destruição física, total ou parcial;
- (d) impor medidas cujo objetivo é evitar os nascimentos dentro do grupo;
- (e) transferir, pela força, crianças de um grupo para outro grupo.”

A Assembleia Geral das Nações Unidas adotou a convenção a 9 de dezembro de 1948. A convenção entrou em vigor a 12 de janeiro de 1951, passando, assim, a ser legalmente vinculativa. Os estudiosos têm sugerido definições diferentes, por várias razões.

Gueto: zona onde os Judeus foram forçados a viver durante a Segunda Guerra Mundial, ostracizados da restante sociedade. A maioria dos guetos situava-se na Europa Central e Ocidental, mas alguns estabeleceram-se em território diretamente anexado pelo terceiro Reich, entre 1939 e 1941.

Direitos Humanos: direitos inerentes a todos os seres humanos, independentemente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, linguagem, religião ou qualquer outro estatuto. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas a 10 de dezembro de 1948, tornou os Direitos Humanos um importante elemento da lei internacional.

Contudo, os direitos humanos não são produto exclusivo do século XX, havendo já indícios dos mesmos, em códigos legais e religiosos sobre a individualidade e dignidade dos sujeitos, que remontam à antiguidade. Os direitos humanos são parte indispensável das ideias e instituições democráticas da Europa desde, pelo menos, *A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, redigida durante a Revolução Francesa, em 1789.

Judeus: o Judaísmo, ortodoxo e reformista, define um Judeu como um indivíduo cuja mãe é/era judaica, ou um indivíduo que se converteu ao Judaísmo; o Judaísmo liberal inclui ainda, na definição, um indivíduo que tem um pai Judeu. Os **Nazis** definiam os Judeus como indivíduos com três ou quatro avós Judeus, independentemente das crenças religiosas ou das afiliações dos sujeitos ou dos seus antepassados. Note-se, que as leis sobre a raça foram aplicadas em momentos diferentes e de maneiras diferentes em vários locais ocupados pelos Nazis e pelos seus colaboradores.

Para tornar as definições ainda mais complexas, algumas pessoas que viviam na Alemanha eram definidas pelas Leis de Nuremberga como não sendo nem alemãs nem Judaicas, isto é, pessoas que tinham apenas um ou dois avós nascidos dentro da comunidade religiosa judaica. Estes indivíduos de “raça mista” eram conhecidos como Mischlinge. Tinham os mesmos direitos que os alemães “de raça”, mas esses direitos foram sendo continuamente restringidos pela legislação subsequente.

Libertadores: Indivíduos que ajudaram na libertação e no alívio do sofrimento dos prisioneiros dos Nazis e dos seus colaboradores, ou das pessoas forçadas a viverem escondidas. O termo aplica-se especialmente aos soldados, aos médicos e às autoridades religiosas que entraram nos **campos de concentração** conquistados em 1944–45.

Nazis: Alemães e Austríacos membros do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, ou pessoas que apoiavam abertamente o regime de Hitler.

Perpetradores: indivíduos que planeavam, organizavam, promoviam ativamente e/ou implementavam atos de perseguição e assassinato.

Racismo: preconceito institucional e/ou individual, discriminação ou antagonismo dirigido a alguém de raça diferente, baseado na crença de se pertencer a uma raça superior.

Salvadores: pessoas que ajudaram as vítimas dos Nazis de diversas maneiras, com o intuito de salvarem as suas vidas. Salvadores de Judeus que ajudaram sem motivações egoístas são frequentemente designados como “Justos (entre as nações)”, um título conferido pelo Yad Vashem, o Memorial e Museu Israelita do Holocausto, com base na análise de

testemunhos e de documentos demonstrativos de que o salvamento aconteceu por motivos altruístas, sem ganho pessoal.

Resistência: ação que visava impedir ou inibir as políticas criminosas e os planos dos Nazis. Uma vez que os Nazis tinham como objetivo o assassinato de todos os Judeus europeus, o apoio aos Judeus e o seu salvamento podem ser considerados uma forma de resistência, pelo menos desde o início de 1942. A referência à especificidade das condições locais é essencial para a compreensão deste conceito.

Resistentes: indivíduos que, de diversas formas, se opunham ativamente às políticas e aos planos Nazis.

Roma e Sinti: há séculos os Roma e os Sinti instalaram-se no espaço que é a Europa atual. O termo “Sinti” designa os membros de uma minoria étnica que se instalou na Alemanha e nos países vizinhos no início do século XV. O termo “Roma” refere-se a uma minoria étnica que vive no leste e sudeste da Europa desde a Idade Média. No início do século XVIII os Roma migraram para a Europa ocidental, instalando-se aí. Fora dos países de língua alemã o termo Roma é também usado como nome coletivo para designar a minoria étnica no seu todo. Tal como os Judeus, os Sinti e os Roma, por serem “raças estrangeiras”, foram excluídos da “comunidade do povo”. Para as pessoas “ciganas” serem alvo de perseguição Nazi teriam de ter, pelo menos, um bisavô identificado como “cigano”. Essa perseguição transformou-se em genocídio contra os Roma que viviam em países sob o domínio Nazi.

Shoah: uma palavra hebraica que significa “catástrofe” ou destruição. É utilizada na cultura israelita para designar o Holocausto, evitando a sugestão de que as vítimas foram “sacrificadas” ou “martirizadas”. Também é frequentemente utilizada em França e noutras partes da Europa continental, onde se tornou de uso corrente após o filme Shoah, realizado em 1985 por Claude Lanzmann.

Sobreviventes: indivíduos que viveram o Holocausto, entendido como a perseguição sistematizada e o assassinato de judeus, por indicação estatal, pela Alemanha nazi e respetivos colaboradores, entre 1933 e 1945. Tal como aqueles que sobreviveram aos **campos de concentração**, aos **guetos** e aos fuzilamentos dos **esquadrões da morte**, esta categoria inclui refugiados Judeus da Alemanha e da Áustria, nos anos 30, bem como as pessoas salvas em operações como o *Kindertransport**. Também inclui crianças que foram mantidas escondidas ou dadas para adoção de modo a esconder a sua identidade. Para designar os filhos e os netos dos sobreviventes são utilizados os termos *segunda e terceira geração*.

*Transporte de crianças – em alemão, no original. N. da T.

Justiça de transição: medidas jurídicas e não jurídicas implementadas para reparar legados de repressão, violações dos Direitos Humanos e atrocidades em massa durante períodos de transição política, de ditaduras ou de conflitos civis para a democracia, para o estado de direito e para relações de paz. Além da investigação criminal e da perseguição aos perpetradores a justiça de transição leva a cabo a documentação de crimes, processos de reparação/indemnização e medidas para garantir a inexistência de reincidências.

Vítimas: Indivíduos que foram assassinados pelos Nazis ou pelos seus colaboradores, ou que sofreram grandes perdas no processo de perseguição de que foram alvo.

DECLARAÇÃO DE ESTOCOLMO E DEFINIÇÕES DE TRABALHO DA IHRA

DECLARAÇÃO DE ESTOCOLMO

A Declaração do Fórum Internacional de Estocolmo sobre o Holocausto (ou “Declaração de Estocolmo”) é o documento estrutural da Aliança Internacional para a Memória do Holocausto e continua a ser uma afirmação constante do compromisso de cada um dos estados membros para com os princípios comuns.

1. O Holocausto (Shoah) desafiou profundamente os alicerces da civilização. O carácter sem precedentes do Holocausto terá sempre um significado universal. Após meio século, continua a ser um evento suficientemente recente para que os sobreviventes continuem a poder testemunhar os horrores que assolaram o povo judeu. O terrível sofrimento dos vários milhões de outras vítimas dos Nazis deixou também uma marca indelével por toda a Europa.
2. A magnitude do Holocausto, executado pelos Nazis, deverá estar sempre presente na nossa memória colectiva. Os sacrifícios realizados de forma altruísta por aqueles que desafiaram o nazismo, e em alguns casos, deram as suas próprias vidas para proteger ou salvar as vítimas do Holocausto, devem também estar inscritos nos nossos corações. A gravidade do horror do Holocausto e a dimensão do heroísmo de alguns devem ser referências no nosso entendimento da capacidade humana para fazer o bem e o mal.
3. Com a humanidade ainda marcada pelo genocídio, limpeza étnica, racismo, anti-semitismo e xenofobia, a comunidade internacional partilha a responsabilidade solene de combater esses flagelos. Juntos devemos defender a terrível verdade do Holocausto contra aqueles que o negam. Devemos reforçar o compromisso moral dos nossos povos e o compromisso político dos nossos governos para que as gerações futuras possam compreender as causas do Holocausto e reflectir sobre as suas consequências.
4. Comprometemo-nos a promover a educação, a memória e o estudo sobre o Holocausto nos países que já desenvolveram um trabalho neste sentido e nos que agora se juntaram a este esforço.

5. Partilhamos o compromisso de encorajar o estudo do Holocausto em todas as suas dimensões. Promoveremos a educação sobre o Holocausto nas nossas escolas e universidades, nas nossas comunidades e outras instituições.
6. Comprometemo-nos a honrar as vítimas do Holocausto e aqueles que lhe fizeram frente. Encorajaremos formas apropriadas de memória, incluindo um Dia da Memória do Holocausto, anual, nos nossos países.
7. Partilhamos o compromisso de esclarecer os aspectos ainda desconhecidos do Holocausto. Tomaremos as medidas necessárias para facilitar a abertura dos arquivos de forma a assegurar que toda a documentação sobre o Holocausto está disponível para pesquisa.
8. É apropriado que a primeira grande conferência internacional do novo milénio declare o seu compromisso para plantar as sementes de um futuro melhor no solo outrora contaminado pelo passado. Reconhecemo-nos no sofrimento das vítimas e retiramos inspiração da sua luta. O nosso compromisso deve ser recordar as vítimas que pereceram, respeitar os sobreviventes que ainda estão connosco, e reafirmar a aspiração comum da humanidade a uma justiça e compreensão mútuas.

DEFINIÇÃO DE TRABALHO DE ANTISSEMITISMO

A definição prática de antissemitismo, juridicamente não vinculativa, foi adotada pela IHRA em 2016 e desde então tem sido adotada ou subscrita por uma série de países ou corpos governamentais.

Adote a seguinte definição prática de antissemitismo, juridicamente não vinculativa:

“O antissemitismo é uma determinada percepção dos judeus, que se pode exprimir como ódio em relação aos judeus. Manifestações retóricas e físicas de antissemitismo são orientados contra indivíduos judeus e não judeus e/ou contra os seus bens, contra as instituições comunitárias e as instalações religiosas judaicas.”

Para orientar a IHRA no seu trabalho, os seguintes exemplos podem servir de ilustração:

As manifestações podem ter como alvo o Estado de Israel, encarado como uma coletividade judaica. No entanto, as críticas a Israel, semelhantes às dirigidas contra qualquer outro país, não podem ser consideradas antissemitas. O antissemitismo acusa frequentemente os judeus de conspirarem para prejudicar a Humanidade e é utilizado, muitas vezes, para culpar os judeus pelas «coisas que correm mal». É expresso oralmente, por escrito, sob forma visual e através de ações, utilizando estereótipos sinistros e traços de personalidade negativos.

Tendo em conta o contexto global, exemplos contemporâneos de antissemitismo na vida pública, nos meios de comunicação social, nas escolas, no local de trabalho e na esfera religiosa podem incluir mas não se limitam a:

- Apelar, ajudar ou justificar o assassinio ou os maus tratos a judeus em nome de uma ideologia radical ou de uma visão extremista da religião.
- Fazer alegações enganosas, desumanizadoras, demonizadoras ou estereotipadas sobre os judeus como tal ou sobre o poder dos judeus como um coletivo – tais como, em particular mas não exclusivamente, o mito de uma conspiração judaica mundial ou de os judeus controlarem os meios de comunicação social, a economia, o governo ou outras instituições societais.

- Acusar os judeus como povo de serem responsáveis por irregularidades reais ou imaginárias, cometidas por um judeu ou um grupo judaico, ou até por atos cometidos por não judeus.
- Negar o facto, o âmbito, os mecanismos (por exemplo, as câmaras de gás) ou o carácter intencional do genocídio do povo judeu às mãos da Alemanha nacional-socialista e seus apoiantes e cúmplices durante a II Guerra Mundial (o Holocausto).
- Acusar cidadãos judeus de serem mais leais a Israel, ou às alegadas prioridades dos judeus a nível mundial, do que aos interesses das suas próprias nações.
- Negar ao povo judeu o seu direito à autodeterminação, por exemplo afirmando que a existência do Estado de Israel é um empreendimento racista.
- Aplicar uma dualidade de critérios, requerendo um comportamento que não se espera nem exige de qualquer outra nação democrática.
- Utilizar símbolos ou imagens associados ao antissemitismo clássico (por exemplo, alegações de os judeus terem matado Jesus ou do libelo de sangue) para caracterizar Israel ou os israelitas.
- Efetuar comparações entre a política israelita contemporânea e a dos nazis.
- Considerar os judeus coletivamente responsáveis pelas ações do Estado de Israel.

Os atos antissemiticos são crimes quando assim definidos por lei (por exemplo, a negação do Holocausto ou a distribuição de material antissemitico em alguns países).

Os atos criminosos são antissemiticos quando os alvos dos ataques, quer sejam pessoas ou bens – tais como edifícios, escolas, locais de culto e cemitérios – são selecionados porque são judaicos ou associados aos judeus, ou vistos como tal;

A discriminação antissemitica consiste na recusa aos judeus de oportunidades ou serviços disponibilizados a terceiros e é ilegal em muitos países.

DEFINIÇÃO DE TRABALHO DE NEGAÇÃO E DISTORÇÃO DO HOLOCAUSTO

A “Definição de Trabalho de Negação do Holocausto e sua Distorção” foi adotada no plenário da IHRA em Toronto, em 2013.

A presente definição é uma expressão da consciência de que a negação e distorção do Holocausto têm que ser contestadas e denunciadas aos níveis nacional e internacional e requerem uma análise ao nível global. A IHRA (Aliança Internacional para a Memória do Holocausto) adota, pela presente e como seu instrumento de trabalho, a seguinte definição prática e juridicamente não vinculativa.

Por negação do Holocausto entende-se todo o discurso e propaganda que negam a realidade histórica e a dimensão do extermínio dos Judeus pelos Nazis e seus cúmplices no decurso da IIª Guerra Mundial, conhecidas por Holocausto, ou por Shoah. A negação do Holocausto refere-se especificamente a qualquer tentativa de afirmação de que o Holocausto/Shoah não ocorreu.

A negação do Holocausto pode incluir a negação ou o questionamento públicos da utilização dos principais mecanismos de destruição (tal como câmaras de gás, fuzilamentos em massa, fome e tortura) ou a intencionalidade do genocídio do povo Judeu.

Nas suas variadas formas, a negação do Holocausto é uma expressão de antissemitismo. A tentativa de negar o genocídio dos Judeus constitui um esforço de exonerar o Nacional Socialismo e o antissemitismo da culpa, ou da responsabilidade no genocídio do povo Judeu. Formas de negação do Holocausto igualmente incluem a culpabilização dos Judeus por exagerarem, ou criarem a Shoah para a obtenção de ganhos políticos ou financeiros, como se, em si própria, a Shoah fosse o resultado duma conspiração tramada pelos Judeus. O objetivo é apresentar o Judeu como culpado e de novo legitimar o antissemitismo.

Os objetivos da negação do Holocausto frequentemente são a reabilitação de um antissemitismo explícito e a promoção de ideologias políticas e de condições propícias ao advento de acontecimento do tipo que está a negar. A distorção do Holocausto refere-se, inter alia, a:

1. esforços intencionais de desculpar, ou minimizar o impacto do Holocausto, ou dos seus elementos principais, incluindo os colaboradores e aliados da Alemanha Nazi;
2. minimização flagrante do número de vítimas do Holocausto, em contradição com fontes fidedignas;
3. tentativas de culpar os Judeus por causarem o seu próprio genocídio;
4. declarações que apresentam o Holocausto como um acontecimento histórico positivo. Tais declarações não constituem uma negação do Holocausto, mas estão intimamente ligadas a uma forma radical de antissemitismo. Podem sugerir que o Holocausto não foi suficientemente longe na concretização do seu objetivo da “Solução Final da Questão Judaica”
5. tentativas de tornar pouco clara a responsabilidade da Alemanha Nazi na criação e operacionalização de campos de concentração e de morte, imputando a culpa a outras nações e grupos étnicos.

RECURSOS

Para além das Recomendações para o Ensino e a Aprendizagem sobre o Holocausto, da IHRA, existe uma enorme variedade de ferramentas e recursos para o apoio a este trabalho. Apresentam-se, abaixo, alguns exemplos.

Para mais informação sobre como estudar o Holocausto no contexto da prevenção do genocídio, dos direitos humanos, da educação ou do estudo de passados violentos, considere visitar *UNESCO's Education about the Holocaust and preventing genocide: A policy guide* ("Material educativo: Educação sobre o Holocausto e para a prevenção do genocídio"). Publicado em 2017, está disponível, à data, em Inglês, Francês, Espanhol, Árabe e Português. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000248071>

Para reforçar o conhecimento sobre o Holocausto e o seu contexto, visite o Museu online para a Memória do Holocausto, *Holocaust Encyclopedia*, que contém centenas de artigos sobre factos fundamentais, conteúdos, fontes primárias e questões para reflexão crítica. <https://encyclopedia.ushmm.org/>

Para contexto histórico sobre aspetos fundamentais a abordar, explore os vídeos educacionais do Yad Vashem. <https://www.yadvashem.org/education/educational-videos.html>

Para mais informação sobre o ensino e a aprendizagem sobre o antissemitismo, que têm o Holocausto como tema de aprendizagem basilar, por favor veja o material da ONU e do Gabinete de Instituições Democráticas e Direitos Humanos para a Educação *Addressing Anti-Semitism through Education: Guidelines for Policymakers*, publicado em maio de 2018, disponível em pelo menos sete línguas. <https://www.osce.org/odihr/383089>

Para mais informação sobre o genocídio dos Roma e dos Sinti, ver os dois Recursos em linha, uma boa introdução: romasintigenocide.eu e romasinti.eu.

Para mais informações sobre como ensinar o Holocausto a alunos do primeiro ciclo, visite os apontamentos pedagógicos do Mémorial de la Shoah*: <http://www.memorialdelashoah.org/en/education-training/pedagogical-notes/primary-school.html>

* (o museu do Holocausto em Paris, França. N.da T.)

Para mais informação sobre a educação para os Direitos Humanos em sítios sobre a memória do Holocausto, veja a publicação de 2010 da Agência Europeia para os Direitos *Fundamentals Excursion to the past – teaching for the future: Handbook for teachers*, disponível em nove línguas: <https://fra.europa.eu/en/publication/2010/excursion-past-teaching-future-handbook-teachers>.



INTERNATIONAL
**HOLOCAUST
REMEMBRANCE**
ALLIANCE



United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization

In partnership with
UNESCO